



Universidade do Minho  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Dr. Paulo Jorge Vieira Pereira

A instância da letra na obra de Jacques Lacan

Tese de Mestrado  
Mestrado em Estudos Franceses

Trabalho efectuado sob a orientação da  
Professora Doutora Cristina Alvares

Novembro de 2005

## Anexo 3

### DECLARAÇÃO

Nome Paulo Jorge Vieira Pereira

Endereço electrónico: \_pepa@oninet.pt Telefone: \_963920468 / \_\_\_\_\_

Número do Bilhete de Identidade: \_10687432

Título dissertação /tese

\_ A instância da letra na obra de Jacques Lacan

Orientador(es):

\_ Prof.ª Dr. Cristina Alvares

Ano de conclusão: \_ 2005

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

\_ Mestrado em Estudos Franceses

Nos exemplares das teses de doutoramento ou de mestrado ou de outros trabalhos entregues para prestação de provas públicas nas universidades ou outros estabelecimentos de ensino, e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito legal na Biblioteca Nacional e, pelo menos outro para a biblioteca da universidade respectiva, deve constar uma das seguintes declarações:

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;
2. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO (indicar, caso tal seja necessário, nº máximo de páginas, ilustrações, gráficos, etc.), APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, , MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;
3. DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

# A INSTÂNCIA DA LETRA NA OBRA DE JACQUES LACAN

## Resumo

Tem por objecto esta dissertação o tema da letra na obra de Jacques Lacan. Este tema afigura-se como crucial para a teoria de Lacan por localizar na letra as condições mínimas para a concepção lacaniana do inconsciente como uma linguagem. Deste modo, é atribuída, na primeira parte, grande incidência ao escrito “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”, em *Écrits*, que é fundamental para o desenvolvimento deste tema porque não só confirma a pertinência da atenção dada à palavra na prática psicanalítica para permanecer fiel a Freud, mas também assume definitivamente a *instância da letra* como elemento incontornável para a leitura da linguagem do inconsciente no sentido da psicanálise, assim, reunir as condições para o estatuto de ciência.

Ao estabelecer a distinção entre significante e significado, a linguística, por um lado, emancipou o signo da sua função referencial e, por outro, proporcionou à psicanálise a noção de arbitrariedade que o discurso analítico colmatou com a intervenção do inconsciente que fala através do deslocamento ou substituição de significantes, que se tornam determinantes para os processos nos quais o sujeito é efeito da linguagem.

Deste modo, a *instância da letra* promove a excentricidade do sujeito no sentido em que o sujeito é primordialmente relação na cadeia significante – é um significante para outro significante – é um ser de letra, um sujeito da linguagem, esvaziado de substância psicológica.

Numa segunda fase da sua obra, com o *Séminaire XX*, Lacan não abandona a primazia da letra na sua teoria, no entanto, associa o traço da letra ao gozo como instância negativa porque não serve para nada senão ser a condição imperativa do inconsciente que fala. Assim, a letra emancipa-se da sua condição de elo de uma cadeia significante para assumir uma positividade formal evidenciada na escrita.

Ora, nestas condições, a perspectiva de uma linguagem estruturada deixa de ter consistência e Lacan delimita o objecto específico de uma nova ciência da linguagem (*linguisterie*) sob o égide da psicanálise com a denominação de *lalangue* através da qual se exprimiria o saber do inconsciente. De facto, esse saber é uma estância à qual a letra dá forma, o que lhe confere um estatuto determinante para a interpretação do saber do inconsciente. Esta perspectiva analítica, que eleger a centralidade do saber do inconsciente como determinante de todos os outros saberes, tem consequências na *literalização* do sujeito da ciência moderna e no tema do divino.



# L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'ŒUVRE DE JACQUES LACAN

## Résumé

Cette dissertation a pour objet le thème de la lettre dans l'œuvre de Jacques Lacan. Ce thème se figure comme crucial pour la théorie de Lacan du fait de localiser dans la lettre les conditions minimums pour la conception lacanienne de l'inconscient structuré comme un langage. Ainsi, il est attribué, dans la première partie, une grande incidence à l'écrit « L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud », dans *Écrits*, qui est fondamental pour le développement de ce thème parce que, non seulement, il confirme la pertinence de l'attention donnée à la parole dans la pratique psychanalytique pour rester fidèle à Freud, mais aussi, il assume définitivement *l'instance de la lettre* comme élément incontournable pour la lecture du langage de l'inconscient pour que la psychanalyse, par la même occasion, réunisse les conditions du statut de science.

En établissant la distinction entre signifiant et signifié, la linguistique, d'une part, a émancipé le signe de sa fonction référentiel et, d'autre part, a proportionné à la psychanalyse la notion d'arbitraire que le discours analytique a colmaté avec l'intervention de l'inconscient qui parle à travers le déplacement ou la substitution de signifiants, qui deviennent déterminants pour les processus dans lesquels le sujet est effet du langage. En effet, *l'instance de la lettre* promeut l'excentricité du sujet dans le sens où le sujet est d'abord relation dans la chaîne signifiante – c'est un signifiant pour un autre signifiant – c'est un être de lettre, un sujet du langage, vidé de substance psychologique.

Dans une deuxième phase de son œuvre, avec le *Séminaire XX*, Lacan n'abandonne pas la primauté de la lettre dans sa théorie de l'inconscient ; néanmoins, il associe le trait de la lettre à la jouissance comme instance négative car elle ne sert à rien sinon être la condition impérative de l'inconscient qui parle. Ainsi, la lettre s'émancipe de sa condition de maillon de la chaîne signifiante pour assumer une positivité formelle mise en évidence dans l'écrit.

Or, dans ces conditions, la perspective du langage de l'inconscient structuré n'a plus de consistance et Lacan délimite l'objet spécifique d'une nouvelle science du langage (*linguisterie*) sous l'égide de la psychanalyse comme *lalangue* au moyen duquel s'exprime le savoir de l'inconscient. De fait, ce savoir est une frontière littorale à laquelle la lettre donne corps, ce qui lui confère un statut déterminant pour l'interprétation du savoir de l'inconscient. Cette perspective analytique, qui établit la centralité du savoir de l'inconscient comme déterminant de tous les autres savoirs, a des conséquences sur la *littérialisation* du sujet de la science moderne et sur le thème du divin.



# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>A INSTÂNCIA DA LETRA.....</b>	<b>5</b>
<b>1. A linguagem no sujeito.....</b>	<b>7</b>
1.1. Freud e Saussure .....	7
1.1.1. O retorno a Freud.....	7
1.1.2. O apelo a Saussure .....	11
1.2. A supremacia da ordem simbólica .....	16
1.2.1. A insistência do significante.....	16
1.2.2. O apêndice de Lacan .....	17
1.2.3. A primazia do significante sobre o significado.....	21
1.2.4. A literalização do sujeito .....	28
1.2.5. Os processos de elaboração do inconsciente .....	30
1.2.6. A significância. ....	33
<b>2. O sujeito na linguagem.....</b>	<b>37</b>
2.1. A excentricidade do sujeito na linguagem.....	37
2.2. Por um axioma do sujeito da ciência.....	40
<b>3. Conclusão.....</b>	<b>49</b>
<b>A ESTÂNCIA DA LETRA .....</b>	<b>51</b>
<b>1. Do gozo <i>falocioso</i> .....</b>	<b>53</b>
1.1. O <i>Segundo Classicismo</i> de Lacan .....	53
1.2. A letra do gozo .....	55
1.3. A promoção do escrito.....	59
1.4. A imperativo de gozo e a estância da letra .....	60
1.5. Uma <i>linguisterie</i> para <i>lalangue</i> .....	65
<b>2. O saber do gozo .....</b>	<b>69</b>
2.1. O sujeito suposto saber .....	69
2.2. <i>Dieur</i> .....	75
<b>3. Conclusão.....</b>	<b>79</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>81</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>85</b>





# **INTRODUÇÃO**



A premissa do pensamento de Lacan mais celebrada enuncia que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Esta afirmação a propósito do inconsciente abala, pela sua singeleza, muitos preconceitos. De facto, Lacan não a assume como totalmente sua, antes se considera ser o depositário de uma herança e remete para a descoberta do inconsciente, inaugurada por Freud, o ónus dos processos psíquicos se encontrarem na própria linguagem do inconsciente. É neste contexto de valorização da linguagem por parte da teoria de Lacan que se enquadra o tema da letra.

É nesta linha de pensamento que o discurso de Roma proferido por Lacan estabelece que voltar a Freud implica também voltar ao sentido de Freud que enaltecia os fundamentos da palavra. De facto, na perspectiva de Lacan, a matriz freudiana do discurso analítico anuncia *avant la lettre* a distinção fundamental entre significante e significado. Posteriormente, Lacan prossegue pela mesma esteira e insiste desta vez na noção de primazia do significante sobre o significado. No entanto, é com “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”, em *Écrits*, que a importância da palavra para o discurso analítico encontra a sua máxima expressão.

É nesse texto que Lacan não só faz uma *colagem* explícita da letra à noção estrutural do significante, mas também acentua, através da utilização no título do termo “instância”, o carácter determinante da letra para a linguagem do inconsciente. Esta concepção da letra pode suscitar algumas questões: como se equaciona a associação da letra ao binómio significado/significante? Quais são os processos da linguagem determinantes para o sujeito do inconsciente? Que consequências se podem retirar para a ciência em geral e a psicanálise em particular?

As questões enunciadas anteriormente comprometem Lacan com o estruturalismo. No entanto, numa fase posterior, Lacan relativiza a importância da estrutura, porque, no campo do discurso analítico, aquela constitui-se como uma malha à qual o inconsciente necessariamente escapa. De facto, o objecto da psicanálise mostra os limites da estrutura na medida em que o inconsciente começa onde a estrutura acaba. É nessa fronteira que, a partir do *Séminaire XX*, Lacan vai situar o lugar da letra enquanto símbolo do imperativo de gozo do inconsciente. Nesta fase, Lacan parece comprazer-se em desfazer meticulosamente o edifício teórico anterior com implicações em novas questões: em que termos a letra agora se relaciona com o gozo, dado que na fase anterior o significante funcionava como limite ao gozo? Que consequências advêm para a reformulação da noção de letra? Que alterações sofre a teoria da linguagem de Lacan?

Assim, as questões relativas ao tema da letra acentuam, por um lado, a permanência do tema ao longo da obra de Lacan e, por outro, estabelecem ligações explícitas relativamente a outros campos do saber. De facto, a definição do sujeito da linguagem tem consequências epistemológicas abrangentes que podem atingir, em última análise, o tema do divino ao qual Lacan não se sonogou numa fase adiantada da sua obra.

De facto, o alcance do tema da letra no pensamento de Lacan pode ser traçada em dois momentos fundamentais com questões específicas que a estrutura desta dissertação reproduz. A primeira parte intitulada “A instância da letra” visa estabelecer as condições em que a letra, como estrutura localizada do significante, proporciona a linguagem do inconsciente pelo que o sujeito, tal como é concebido pelo discurso analítico, é um sujeito de letra, esvaziado da sua substância psicológica, o que leva a inferir consequências para a cientificidade da psicanálise. A segunda parte tem por objectivo perspectivar como na teoria lacaniana a introdução do gozo é determinante para a reformulação da letra que adquire um novo relevo como litoralidade, “A estância da letra”.

# **A INSTÂNCIA DA LETRA**



# 1. A LINGUAGEM NO SUJEITO

## 1.1. Freud e Saussure

### 1.1.1. O retorno a Freud

Em nome da responsabilidade e legitimidade da psicanálise, Lacan propõe uma (re)leitura da teoria freudiana de forma a emancipá-la de todas as deturpações posteriores ao desaparecimento do autor austríaco por força da sua vulgarização. O caminho encetado por Lacan, que lhe mereceram os dissabores de ser ostracizado pelo círculo analítico, propõe centrar na palavra do sujeito a justificação da prática analítica no pressuposto que o mito da sua *completude* funciona como uma miragem de ascendência religiosa que não se coaduna com a descoberta científica da verdade do sintoma, verdade sem a qual a psicanálise não passaria de um charlatanismo. Ora, a teoria freudiana estabeleceu que o sintoma tem uma interpretação<sup>(1)</sup> e Lacan acrescenta que só pode ser lido na ordem significante:

«(...) Le symptôme ne s'interprète que dans l'ordre du signifiant. Le signifiant n'a de sens que de sa relation à un autre signifiant. C'est dans cette articulation que réside la vérité du symptôme.(...) En fait il est vérité, d'être fait du même bois dont elle est faite, si nous posons matérialistement que la vérité, c'est ce qui s'instaure de la chaîne signifiante.» (Écrits, 235)

Antes de entrar propriamente no cerne do tema da letra, tal como surge explicitado em “L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud”, convém referir o discurso proferido em Roma no congresso do Instituto de Psicologia da Universidade de Roma, no ano de 1953, com o título “Fonction et champ de la parole et du langage” (Écrits, 237), que sublinha, na obra de Lacan, a necessidade para a psicanálise de centrar a análise na palavra do paciente como método primacial para ter acesso ao sintoma.

---

(1) No livro *Cinq Psychanalyses*, Freud, a propósito dos casos patológicos apresentados, esclarece que a interpretação constitui o alicerce da sua técnica: « Je n'ai généralement pas exposé le travail d'interprétation qu'il fallait effectuer sur les associations et les communications de la malade, mais seulement ses résultats (...) Je tenais à mettre en évidence dans cette observation la détermination des symptômes et la structure intime de la névrose (...) » (Freud, 1997, 6)

Num discurso veemente de protesto contra as práticas excessivamente ritualizadas da maioria dos círculos analíticos, Lacan alerta para a urgência do regresso à matriz freudiana:

«Nous affirmons pour nous que la technique ne peut être comprise, ni donc correctement appliquée, si l'on méconnaît les concepts qui la fondent. Notre tâche sera de démontrer que les concepts ne prennent leurs sens plein qu'à s'orienter dans un champ de langage, qu'à s'ordonner à la fonction de la parole.

Points où nous notons que pour manier aucun concept freudien, la lecture de Freud ne saurait être tenue pour superflue, fût-ce pour ceux qui sont homonymes à des notions courantes.» (Écrits, 246)

Fica, então, estabelecido que as condições para o retorno a Freud implicam uma prevalência atribuída à linguagem. De forma concreta, o plano regenerador do discurso analítico inaugurado por Freud impõe um cuidado urgente com o discurso do paciente – «Qu'elle se veuille agent de guérison, de formation ou de sondage, la psychanalyse n'a qu'un médium: la parole du patient. L'évidence du fait n'excuse pas qu'on le néglige.» (Écrits, 247)

A necessidade de regressar à palavra foi-se acentuando à medida que o pensamento de Lacan progredia no sentido em que o discurso de Roma impõe como imperativo o regresso já explicitado para se consolidar cientificamente, em 1957, com “L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud” (Écrits, 493), através dos desvios lacanianos à teoria da linguagem<sup>(2)</sup> de Saussure com evidentes benefícios para também alicerçar o estatuto científico da psicanálise.

« Nous ne nous fierons quant à nous qu'aux seules prémisses, qui ont vu se confirmer leur prix de ce que le langage y a effectivement conquis dans l'expérience son statut d'objet scientifique.

Car c'est là le fait par quoi la linguistique se présente en position pilote dans ce domaine autour de quoi un reclassement des sciences signale, comme il est de règle, une révolution de la connaissance (...)» (Écrits, 496)

---

(2) Já no texto “Fonction et champ de la parole et du langage” (Écrits, 237), como corolário necessário conferido à linguagem, Lacan alude a importância da linguística para a objectivação do discurso analítico: « La référence enfin à la linguistique nous introduira à la méthode qui, en distinguant les structurations synchroniques des structurations diachronique dans le langage, peut nous permettre de mieux comprendre la valeur différente que prend notre langage dans l'interprétation des résistances et du transfert (...)» (Écrits, 288).



Porém, a aversão generalizada nos meios psicanalíticos pelas funções da palavra e campo da linguagem deturpa a descoberta promissora do inconsciente freudiano e por arrastamento as práticas terapêuticas. Por isso, o regresso integral à teoria freudiana deve ser concatenado com o regresso às funções da palavra, e à função simbólica que lhe é inerente:

«C'est bien cette assumption par le sujet de son histoire, en tant qu'elle est constituée par la parole adressée à l'autre, qui fait le fond de la nouvelle méthode à quoi Freud donne le nom de psychanalyse (...)

Ses moyens sont ceux de la parole en tant qu'elle confère aux fonctions de l'individu un sens; son domaine est celui du discours concret en tant que champ de la réalité transindividuelle du sujet; ses opérations sont celles de l'histoire en tant qu'elle constitue l'émergence de la vérité dans le réel.» (Écrits, 257)

A centralidade conferida por Lacan à palavra aparece como uma herança do sujeito freudiano que Lacan assume e consolida a bem da idoneidade da psicanálise e suas práticas. Neste contexto, é compreensível a sua intervenção intempestiva no congresso de psicanalistas. A revisão lacaniana visa repor a verdade sobre os intentos teóricos de Freud cujos textos têm um valor formativo intrínseco:

“Or il y a dans Freud tout ce qu'il faut pour s'apercevoir que ce dont il parle réellement, ce sont des murs de la caverne, il suffit de ne pas en rester au niveau descriptif. C'est d'autant plus facile qu'ici la structure s'intègre à la description même puisque ce que celle-ci sert, ce sont des effets de structure en tant que ces effets ressortissent au langage. Bref, pour Freud, comme pour tous ceux qui eurent dans la pensée une fonction de fondateurs, sa lecture par elle-même a valeur de formation. (Lacan in Geogin, 1984, 11)

Quando a prioridade à palavra é subalternizada, passa-se além da sua legitimidade primeira e busca-se uma verdade consolidada ilusoriamente em miragens. A arte do analista decorre antes da descoberta das articulações pertinentes entre a intenção imaginária e a relação simbólica por meio da premência verbal:

« L'enjeu de la psychanalyse est l'avènement dans le sujet du peu de réalité que ce désir y soutient au regard des conflits symboliques et des fixations imaginaires comme moyens de leur accord, et notre voie est l'expérience intersubjective où ce désir se fait reconnaître.» (Écrits, 279)

Para esse discernimento, a metáfora mallarmeana da moeda que, apesar de gasta, não deixa de exibir a cunhagem, pode ser assemelhada à função da palavra que granjeia pertinência para o discurso analítico.

Não se trata de uma palavra vazia que não possibilita a assunção do desejo do sujeito, ou por outras palavras da sua verdade, mas sim da palavra plena conducente à sua imbricação na ordem simbólica:

«Car la découverte de Freud est celle du champ des incidences, en la nature de l'homme, de ses relations à l'ordre symbolique, et la remontée de leur sens jusqu'aux instances les plus radicales de la symbolisation dans l'être. Le méconnaître est condamner la découverte à l'oubli, l'expérience à la ruine.» (Écrits, 275)

Para Lacan, a descoberta fundamental de Freud consiste em considerar que o sujeito é determinado pela ordem simbólica que se realiza como uma sintaxe em que o significante (*à la lettre*) se impõe ao significado tal como é explicitado através do recurso no excerto seguinte às letras em itálico:

« Mais pour écarter toute méprise, il faut articuler que ce registre de la vérité est à prendre *à la lettre*, c'est-à-dire que la détermination symbolique, soit ce que Freud appelle la surdétermination, est à tenir d'abord comme fait de syntaxe, si l'on veut saisir ses effets d'analogie. Car ses effets s'exercent du texte au sens, loin d'imposer leur sens au texte. » (Écrits, 467/468)

Ora a exterioridade da ordem simbólica em relação ao homem é, em Freud, o que define o inconsciente<sup>(3)</sup>:

«Mais si l'on méconnaît l'excentricité radicale de soi à lui-même à quoi l'homme est affronté, autrement dit la vérité découverte par Freud, on faillira sur l'ordre et sur les voies de la médiation psychanalytique, on en fera l'opération de compromis où elle est venue effectivement, soit à ce que répudient le plus l'esprit de Freud comme la lettre de son œuvre (...)» (Écrits, 524)

Porém, Lacan considera conveniente, na esteira de Freud, acrescentar à realidade humana uma distinção de três registos essenciais que denominou, além da já citada ordem simbólica, o imaginário e o real. Se a ordem simbólica se estabelece pelo concurso da lei da linguagem, o real representa um choque para o sujeito que precisa da ordem simbólica para construir uma nova realidade humanizada:

---

(3) O conceito de Outro garante a emergência da verdade através da linguagem: « Si j'ai dit que l'inconscient est le discours de l'Autre avec un grand A, c'est pour indiquer l'au-delà où se noue la reconnaissance du désir au désir de reconnaissance. Autrement dit cet autre est l'Autre qu'invoque même mon mensonge pour garant de la vérité dans laquelle il subsiste.» (Écrits, 524)

«J'en ai tout de même parlé quelque peu. Le réel est ou la totalité, ou l'instant évanoui. Dans l'expérience analytique, pour le sujet, c'est toujours le heurt à quelque chose, par exemple le silence de l'analyste.» (Des noms-du-père, 53)

Através da mediação da palavra, o movimento analítico pode deparar-se com a resistência da ordem imaginária que constitui para o sujeito uma alienação decorrente da auto-projecção:

« (...) La fonction imaginaire du moi, comme unité du sujet aliéné à lui-même. Le moi est ce dans quoi le sujet ne peut se reconnaître d'abord qu'en s'aliénant. Il ne peut donc se retrouver qu'en abolissant l'*alter ego* du moi.» (Des noms-du-père, 34)

Apesar destes desenvolvimentos relativamente à teoria de Freud, a matriz fundamental é preservada pelo pensamento de Lacan no sentido em que busca uma verdade original conferida à palavra do paciente, núcleo sobre o qual se funda toda a prática analítica. No entanto, para defender o estatuto científico da psicanálise, Lacan sente-se instado a procurar na ciência moderna da linguagem, tal como Saussure a instituiu, os elementos que lhe permitissem desenvolver a perspectiva freudiana. Trata-se de um apelo não menos importante para explicitar os termos em que Lacan procedeu ao desvio da teoria saussuriana que constitui o outro alicerce do escrito “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”.

### 1.1.2. O apelo a Saussure

Convém esclarecer que o motivo do retorno a Freud não é o mesmo para o apelo a Saussure. Para Lacan, a psicanálise necessita de uma fundamentação científica para o seu método fundado na palavra e a linguística tem os conceitos basilares para esse fim.

Sabe-se que primeira formalização e diferenciação do signo linguístico foram estabelecidas por Saussure no princípio do século XX e inaugurou a era moderna da linguística. De facto, apresentou a possibilidade de formalização da linguagem corrente com o algoritmo do signo:  $s/S = s'$  em que o  $s$  minúsculo representa o significado e o maiúsculo o significante, distinção da qual resulta o sentido ou asserção. A distinção estabelecida pelo linguista suíço é determinante para a concepção do tema da letra porque Lacan procederá, numa primeira fase, a uma colagem ao significante: «C'est là ce qui rendra possible une étude exacte des liaisons propres au signifiant et de l'ampleur de leur fonction dans la genèse du signifié.» (Écrits, 497)

De forma global, a colagem da letra ao significante é prioritária nos *Écrits* de Lacan. No entanto, a formulação do título do texto-chave de “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”

em que é explicitado o conceito de letra deixa antever, para já ainda nas malhas do estruturalismo declarado, a evolução que o conceito sofrerá numa fase pós-estruturalista, sobretudo na incidência que é conferida ao carácter material e localizada da letra para a sua articulação com os outros elementos da cadeia significante:

«Par quoi l'on voit qu'un élément essentiel dans la parole elle-même était prédestiné à se couler dans les caractères mobiles qui, Didots ou Garamonds se pressant dans les bas-de-casse, présentent valablement ce que nous appelons la lettre, à savoir la structure essentiellement localisée du signifiant.» (Écrits, 501)

Lacan aproveita a distinção da formalização da operação de gestação de sentido que se afigura a Saussure como não-representável para verificar que o célebre princípio da arbitrariedade do signo linguístico pode ser entendida pelo discurso analítico como uma necessidade de legitimação da intervenção do inconsciente.

Com estes intercâmbios de conceitos, comprova-se o ecumenismo teórico de Lacan que usa noções da linguística para a psicanálise mas que também não descarta completar a linguística com os termos da psicanálise.

De facto, Saussure porfiou em definir a motivação existente entre o significante e o significado mas permaneceu atido à relação arbitrária entre os dois elos do signo linguístico. É provável que as circunstâncias existenciais o tenham impedido de concretizar esse objectivo por não ter tido acesso à noção freudiana do inconsciente. Por sua vez, Freud teria conseguido uma formalização da sua descoberta se tivesse tido acesso à formalização da linguística moderna.

Por outro lado, Lacan insiste frequentemente no carácter precursor para o estruturalismo dos escritos de Freud na relação que está implícita entre o inconsciente e a cadeia significante:

«L'inconscient, à partir de Freud, est une chaîne de signifiants qui quelque part (sur une autre scène, écrit-il) se répète et insiste pour interférer dans les coupures que lui offre le discours effectif et la cogitation qu'il informe.

Dans cette formule, qui n'est nôtre que pour être conforme aussi bien au texte freudien qu'à l'expérience qu'il a ouvert, le terme crucial est le signifiant, ranimé de la rhétorique antique par la linguistique moderne, en une doctrine dont nous pouvons marquer ici les étapes, mais dont les noms de Ferdinand de Saussure et de Roman Jakobson indiqueront l'aurore et l'actuelle culmination, en rappelant que la science pilote du structuralisme en Occident a ses racines dans la Russie où a fleuri le formalisme.» (Écrits, 799)

Apesar de Freud e Saussure pertencerem à mesma geração<sup>(4)</sup>, é necessário reconhecer um desconhecimento recíproco. Constatar estas circunstâncias biográficas não impede que se reconheça tanto na obra de um como do outro uma busca de denominadores comuns. Por outro lado, para Lacan, Freud é um precursor dos trabalhos da linguística e está na origem remota do estruturalismo:

«Dès l'origine on a méconnu le rôle constituant du signifiant dans le statut que Freud fixait à l'inconscient d'emblée et sous les modes formels les plus précis.

Ceci pour une double raison, dont la moins aperçue naturellement est que cette formalisation ne suffisait pas à elle seule à faire reconnaître l'instance du signifiant, car elle était, à la parution de la *traumdeutung*, très en avance sur les formalisations de la linguistique auxquelles on pourrait sans doute démontrer qu'elle a, par son seul pesant de vérité, frayé la voie.» (Écrits, 513)

Este desconhecimento recíproco de Freud e Saussure, durante a vida, foi colmatado postumamente pela junção lacaniana dos conceitos fundamentais dos seus aparelhos teóricos lidos à luz do estruturalismo que não se limitou a reproduzir mas a introduzir outros numerosos aspectos, fruto de uma reflexão sintetizadora sem deixar de ser inovadora. O ponto de confluência da síntese inovadora situa-se no texto “L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud.”.

Nesse texto, Lacan começa por retomar as premissas essenciais da linguística saussuriana para as aplicar às necessidades do inconsciente considerado como uma linguagem: é esta aceção do inconsciente que ressalta da exegese lacaniana dos textos de Freud. Ao associar o estatuto de linguagem ao inconsciente, o tema da letra surgirá inevitavelmente por constituir o núcleo fundamental de qualquer linguagem:

«Notre titre (*Le sens de la lettre*) fait entendre qu'au-delà de cette parole, c'est toute la structure du langage que l'expérience psychanalytique découvre dans l'inconscient. Mettant dès l'abord l'esprit prévenu en alerte, de ce qu'il peut avoir à revenir sur l'idée que l'inconscient n'est que le siège des instincts.

Nous désignons par lettre ce support matériel que le discours concret emprunte au langage.» (Écrits, 495)

---

(4) Arrivé (1994) considera estranho que os dois autores que pertencem à mesma geração tenham aparentado mútuo desconhecimento: «Et je me contenterai de la remarque qui s'impose: la chronologie, tant brute que corrigée par les circonstances biographiques, invite à considérer la méconnaissance réciproque comme beaucoup plus étonnante encore de la part de Freud que de celle de Saussure.» (Arrivé, 1994, 18)

A ligação da psicanálise à distinção fundadora da linguística moderna tem simultaneamente por objectivo assentar a legitimidade científica da psicanálise:

«Voilà où se révèle une structure qui appartient bien au langage si sa fonction est de permettre le chiffrage. Ce qui est le sens dont la linguistique a fondé son objet en l'isolant : du nom de signifiant.

C'est le seul point dont le discours analytique a à se brancher sur la science, mais si l'inconscient témoigne d'un réel qui lui soit propre, c'est inversement là notre chance d'élucider comment le langage véhicule dans le nombre le réel dont la science s'élabore.»  
(Autres Écrits, 559)

Por isso, Lacan considerou que estavam preparadas as condições de uma verdadeira revolução cultural quando converteu, através da revisão do algoritmo de inspiração saussuriano  $\frac{S}{s}$ , a linguagem em objecto científico, primeiro para a linguística e depois para a psicanálise.

Para perfilhar os caminhos encetados por Freud, impõe-se então a reconstituição do estatuto do sujeito fundado na linguagem que confere à psicanálise através dos desvios provenientes da linguística os seus alicerces científicos:

«La linguistique peut ici nous servir de guide, puisque c'est là le rôle qu'elle tient en flèche de l'anthropologie contemporaine, et nous ne saurions y rester indifférent.

La forme de mathématisation où s'inscrit la découverte du *phonème* comme fonction des couples d'opposition formés par les plus petits éléments discriminatifs saisissables de la sémantique, nous mène aux fondements mêmes où la dernière doctrine de Freud désigne, dans une connotation vocalique de la présence et de l'absence, les sources subjectives de la fonction symbolique.

Et la réduction de toute langue au groupe d'un tout petit nombre de ces oppositions phonémiques amorçant les plus élevés, met à notre portée un abord strict de notre champ.»  
(Écrits, 285)

Conforme foi destacado nos parágrafos anteriores, o discurso de Roma alertou para a necessidade de constituir o estatuto do sujeito que a psicanálise reconhece emanar do inconsciente. Por seu lado,

oportunamente, com Saussure, a linguística legitimou cientificamente a estrutura da linguagem que é associada definitivamente por Lacan, em “L’instance de lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”, à do inconsciente: nesse desvio lacaniano reside a consistência científica da sua apreensão:

«Une chance pourtant qui s’offre à nous pour ce qui est de l’inconscient, c’est que la science dont il relève et est certainement la linguistique, premier fait de structure. Disons plutôt qu’il est structuré parce qu’il est fait comme un langage, qu’il se déploie dans les effets du langage.» (Lacan in Georjin, 1984, 13)

## 1.2. A supremacia da ordem simbólica

### 1.2.1. A insistência do significante

Escrito a convite dos estudantes da Sorbonne, “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud” marca a primeira intervenção de Lacan na Universidade.

Este título motiva algumas apreciações. A primeira refere-se ao uso da palavra ou conceito *instância*<sup>5</sup>. Associado à autoridade, este termo evidencia o poder da letra, a sua posição dominante e como significante rege e legífera, ao contrário da ilusão vulgarizada, que considera que o significante existe para suportar um significado:

« Et l’on échouera à en soutenir la question, tant qu’on ne se sera pas dépris de l’illusion que le signifiant répond à la fonction de représenter le signifié, disons mieux : que le signifiant ait à répondre de son existence au titre de quelque signification que ce soit. » (Écrits, 498)

Por outro prisma, é sintomático que o título apresente metonimicamente os termos centrais da perspectiva desenvolvida por Lacan no sentido em que não se refere directamente à linguagem, mas ao seu elemento mínimo: a letra.

De facto, a experiência analítica descobre no inconsciente a estrutura da linguagem e esta, com a sua estrutura, confina-se à letra, suporte material e concreto, que Lacan usa nesta primeira fase na aceção de fonema, i.e., como unidade mínima de uma estrutura fechada. Assim, o sujeito é servo da linguagem, discurso universal que instaura a tradição fundadora das estruturas elementares da cultura. Estas seriam, aliás, impossíveis sem as trocas que a linguagem proporciona. Em consequência, a linguagem, instância última da cultura, figura-se como o traço distintivo irredutível entre as sociedades humanas e animais.

Nestas condições, nenhuma outra revolução cultural foi tão profunda como a que transformou a linguagem em objecto científico. Com base na dimensão sincrónica do estudo da linguagem, o ponto de vista estruturalista estabelece que o sistema da língua se organiza em função de um conjunto de leis.

Esta estratégia estruturalista vai ser aplicada no campo da psicanálise porque Lacan quer teorizar a hipótese da analogia estrutural entre certos processos da linguagem e o dinamismo inconsciente. Assim a

---

5 Por outro lado, segundo os mesmos autores, a duplicação do título pretende explicar que Freud revolucionou a concepção clássica da razão: «S’y marque en effet au moins ceci : c’est que, depuis Freud, depuis une certaine rupture ou une certaine coupure intervenue avec Freud, la raison n’est plus désormais ce qu’on pouvait auparavant repérer sous ce mot, mais c’est, dans l’inconscient, l’instance (ou l’insistance) de la lettre.» (Lacoue-Labarthe e Nancy, 1973, 29).



noção de estrutura relativa ao inconsciente é central na obra de Lacan por subentender constantemente a estrutura da linguagem e por ser no acto de linguagem que o inconsciente se perfilha.

A colagem da estrutura geral da linguagem aos processos de elaboração inconsciente, na obra de Lacan, é destacada por Lemaire nos termos seguintes:

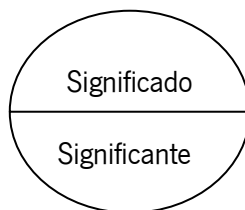
«Le réseau inconscient, constitué par des signifiants, est lui-même structuré, au sens où ses éléments, bien que distinctifs et sommables, ne s'articulent pas moins en catégories et sous-ensembles, selon certaines lois précises d'agencement.

En ce sens, la structure de l'inconscient est identique à celle du langage en sa dimension synchronique ou étagée au sein d'une même classe d'éléments.» (Lemaire, 1977, 32)

### 1.2.2. O apêndice de Lacan

Trata-se, pois, de atingir a linguagem do inconsciente que surge primacialmente associada à noção de significante com base na linguística.

Para tal, segundo Lacan, a linguística foi gerada por um algoritmo fundador que, além de ser em si um processo de notação diferencial das ciências modernas, extravasa um plano meramente lógico-matemático e institui, no plano simbólico, o conceito de signo que instaura a linguística como ciência:



Deste modo, a apropriação lacaniana do algoritmo saussuriano em  $\frac{S(\text{ignificante})}{s(\text{ignificado})}$  distingue-se por

quatro traços principais:

1. Os termos “significante sobre significado” passam a ler-se “S” maiúsculo sobre “s” minúsculo;
2. O desaparecimento da elipse saussuriana que simboliza a unidade estrutural do signo;
3. A substituição da designação duas faces do signo por duas etapas do algoritmo;
4. A valorização da barra que separa “S” de “s”.

Deste modo, a separação dos dois níveis Significante/significado que, em Saussure, era entendida como frente e verso de uma folha, isto é, indissociabilidade constitutiva do signo, em Lacan, é valorizada como geradora de fricção ou, mesmo, resistência à significação:

«La thématique de cette science est dès lors en effet suspendue à la position primordiale du signifiant et du signifié, comme d'ordres distincts et séparés initialement par une barrière résistante à la signification.

C'est là ce qui rendra possible une étude exacte des liaisons propres au signifiant et de l'ampleur de leur fonction dans la genèse du signifié.» (Écrits, 497)

É importante não esquecer que o objectivo de Lacan é utilizar os conceitos da linguística para fins analíticos e, assim, a barra do signo saussuriano não pode ficar incólume à determinação do inconsciente<sup>(6)</sup>.

Nestes termos, a transposição da barra, ou seja, a produção da significação não é autónoma ou automática. A resistência do significante depende da própria resistência formada pela barra. Este corte instaura a ciência da letra na equivalência do corte introduzido no signo.

Deste modo, a ciência da letra funda-se na linguística e logo a destrói. Trata-se de uma posição paradoxal para a ciência da letra que acarreta uma impossibilidade: uma linguística sem teoria do signo. Esta ruptura introduzida na concepção do signo altera a problemática filosófica sobre a arbitrariedade do signo que pensou sempre (mal) a linguagem em relação à coisa.

Ora, a linguagem não deve ser pensada a partir do signo em busca de sentido. Esta concepção subalterniza o significante ou melhor, motiva o significante com o único intuito de atingir o significado. Com estas considerações, pretende-se arrancar a linguística à filosofia da linguagem ou signo e abrir caminho à ciência da letra.

Este caminho consiste em destruir o signo, i.e., a concepção do signo que nele vê unicamente uma função representativa (lei da representação) ou relação de significação. É precisamente o propósito do algoritmo: o algoritmo não é o signo ou, por outras palavras, o algoritmo é o signo enquanto não representação do significado pelo significante<sup>(7)</sup>. Aliás, nenhum dos conceitos do signo desaparece (significante, significado e significação) mas o sistema é alterado:

---

(6) Neste contexto, Lemaire esclarece que a resistência da barra é vital para justificar a intromissão do inconsciente proposto pela psicanálise na gestação do sentido : «Voici pourquoi Lacan a toujours insisté sur la barre résistante à la signification dans l'algorithme saussurien. En langue, elle symbolise le détournement de l'esprit dans la quête du sens; en psychanalyse, elle symbolise le refoulement du signifié, inaccessible sans l'aide des procédés analytiques ainsi que le caractère privé du lien du signifiant signifié.» (Lemaire, 1977, 98)

(7) De facto, Lacoue-Labarthe e Nancy sublinha nos termos seguintes a importância para a psicanálise da subversão de que é objecto o conceito de arbitrariedade do signo: «On comprend mieux sans doute, maintenant, en quel sens il s'agit, en vue d'assurer la science de la lettre, d'arracher la linguistique à la philosophie du signe ; en quel sens il faut détruire le signe. Cela consiste à travailler le signe jusqu'à détruire en lui toute fonction représentative, c'est-à-dire la relation de signification elle-même. C'est très précisément le rôle, et la fonction, de l'algorithme. L'algorithme n'est pas le signe. (...) Aucun des concepts de la théorie du signe ne disparaît : signifiant, signifié, signification sont encore là. Mais leur système est bouleversé, perverti.» (Lacoue-Labarthe e Nancy, 1973, 43)

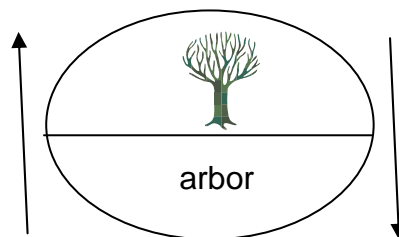
«Car cette distinction primordiale va bien au-delà du débat concernant l'arbitraire du signe, tel qu'il s'est élaboré depuis la réflexion antique, voire de l'impasse dès la même époque éprouvée qui s'oppose à la correspondance bi-univoque du mot à la chose, fût-ce dans l'acte de la nomination.» (Écrits, 497)

Assim, Lacan separa o significante do significado com o objetivo de demonstrar que nenhum significado pode ser *agrafado* a um significante. Mesmo quando há efeito de sentido, o *agrafar* é necessariamente momentâneo e instável porque cada significante acrescentado a uma cadeia de significantes põe em movimento o deslizamento do sentido:

«Dans cette voie les choses ne peuvent aller plus loin que de démontrer qu'il n'est aucune signification qui se soutienne sinon du renvoi à une autre signification : touchant à l'extrême la remarque qu'il n'y a pas de langue existante, pour laquelle se pose la question de son insuffisance à couvrir le champ du signifié, étant un effet de son existence de langue qu'elle y réponde à tous les besoins.» (Écrits, 498)

Uma vez que a barra é valorizada, o corte instalado pela operação do algoritmo incide essencialmente sobre o significante: procede-se, então, a uma deslocação do significante sem significação. À exceção da ilustração, prova-se, assim, que o algoritmo S/s não é igual ao esquema de Saussure.

O esquema de Saussure é:

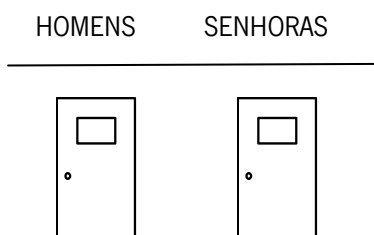


O esquema é invertido e suprime a elipse como também as duas setas da associação:

**ÁRVORE**



Depois, Lacan opõe-lhe uma espécie de dupla paródia do esquema saussuriano:



Três aspectos importantes devem ser sublinhados:

1. A introdução no significante duma dualidade;
2. No lugar do significado esperado, silhuetas masculina e feminina, encontra-se a imagem de duas portas, logo, de 2 lugares, o que implica a estrutura, que não se distinguem mas que diferenciam lugares, simbolização de uma lei segregativa da sexualidade;
3. A passagem do significante por essa simbolização é vista como uma precipitação do sentido, expressão que pode ter vários sentidos, dos quais se retém que o sentido se precipita, se deposita na solução do significante.

Em consequência, a significação não reside na representação do significado pelo significante; pelo contrário, o significado não pode ser separado do significante porque funcionam em paralelo em matéria de diferenciação com os outros elementos da mesma ordem:

«Car l'algorithme, en tant qu'il n'est lui-même que pure fonction du signifiant, ne peut révéler qu'une structure de signifiant à ce transfert.

Or la structure du signifiant est, comme on le dit communément du langage, qu'il soit articulé.

Ceci veut dire que ses unités, d'où qu'on parte pour dessiner leurs empiètements réciproques et leurs englobements croissants, sont soumises à la double condition de se réduire à des éléments différentiels derniers et de les composer selon les lois d'un ordre fermé.» (Écrits, 501)

Esta concepção estruturalista da linguagem permite a Borch-Jacobsen concluir relativamente à ilustração de Lacan em apreço:

«D'où résulte enfin qu'on ne mettra jamais la main sur *le* signifié d'un signifiant, si ce n'est dans un autre signifiant, et ainsi de suite (...) où deux portes indiscernables *en réalité*

reçoivent leur impondérables «sens» (...) de la pure différence de places entre les *deux* signifiants «hommes» et «Dames»...» (Borch-Jacobsen, 1990, 210)

Para levar às últimas consequências o raciocínio, o significado decorre antes das articulações entre significantes. Esta conclusão apoia-se na teoria do valor que demonstra que um signo não representa nada, nem significado, nem referente, unicamente um significante. Daí se explicar o abandono a que é votado, na teoria da linguagem de Lacan, o conceito do signo que passa a reduzir-se ao significante:

«Car le signifiant de sa nature anticipe toujours sur le sens en déployant en quelque sorte au devant de lui sa dimension. Comme il se voit au niveau de la phrase quand elle s'interrompt avant le terme significatif : Jamais je ne..., Toujours est-il..., Peut-être encore... Elle n'en fait pas moins sens, et d'autant plus oppressant qu'il se suffit à se faire entendre.» (Écrits, 502)

### 1.2.3. A primazia do significante sobre o significado

Como já foi referido, Lacan teve uma função sintetizadora das teorias de Freud e Saussure no sentido em que explicitou os traços das obras susceptíveis de se completarem. Para esse efeito, ilustra a sua perspectiva com um conto de Edgar Poe: “The purloined letter”.

Esse trabalho de interpretação à luz da psicanálise do conto do autor americano é realizado no texto intitulado “Le séminaire sur «La Lettre volée»” (Écrits, 11). Nesse escrito, assinala que o inconsciente é efeito da instância da cadeia significante regida pelas leis da ordem simbólica e desvaloriza, através da ilustrativa trama de Põe, a função referencial do signo. Em consequência, os efeitos psicanalíticos resultam da deslocação do significante de que o sujeito é o efeito.

O desenvolvimento da trama narrativa do conto de Poe adquire a qualidade significante, potenciada pela ambiguidade semântica da palavra *lettre* em francês. Os seus efeitos variam em função da sua repetição intersubjectiva, porque as personagens desconhecem sempre uma parcela da verdade que determina a sua acção:

«Ce qui nous intéresse aujourd'hui, c'est la façon dont les sujets se relaient dans leur déplacement au cours de la répétition intersubjective.

Nous verrons que leurs déplacement est déterminé par la place que vient à occuper le pur signifiant qu'est la lettre volée, dans leur trio. Et c'est là ce qui pour nous le confirmera comme automatisme de répétition.» (Écrits, 16)

A progressão da narrativa com base em diálogos que tornam as personagens mais ou menos cientes do paradeiro da letra/carta, e daí inferindo sentidos subjectivos, serve, em geral, para desmascarar as ilusões bem pensantes da comunicação unívoca.

O próprio narrador/personagem joga com a dimensão significativa do conto no sentido em que sabe o desenlace, mas deixa o seu sentido para o fim quando é revelado o possuidor da carta.

De facto, o narrador também foi ludibriado pelo próprio enigma significativo construído pelo chefe da polícia e Dupin. Através da narração, ele acaba por envolver o leitor que é também enrolado pela posição imaginária que o jogo do significativo determina no conto.

Apesar dos métodos científicos representados pela azáfama policial, este conto esboroa o mito da exactidão para o substituir por uma construção subjectiva do registo da verdade de que o Outro é o garante.

Tal como a letra/carta conta para as personagens na proporção directa da sua ausência, o significativo é, na mesma proporção, símbolo de uma ausência:

«C'est dire qu'on y passe du champ de l'exactitude au registre de la vérité. (...) Il se situe là où le sujet ne peut rien saisir sinon la subjectivité même qui constitue un Autre en absolu.

(...) Alors qu'il l'a seulement renouvelé sous une forme plus pure : et ce moment nous fait mesurer la suprématie du signifiant dans le sujet.» (Écrits, 20)

Além disso, a letra/carta é o elo de um pacto, como o significativo de uma cadeia simbólica, de que a rainha, umas das personagens principais, é signatária e que a compromete independentemente do seu conteúdo revelado, tal como o significativo antecede o significado.

De forma global, assegura a supremacia do significativo sobre significado de que o sujeito é um espectador involuntário e pré-determinado:

«Si ce que Freud a découvert et redécouvre dans un abrupt toujours accru, a un sens, c'est que le déplacement du signifiant détermine les sujets dans leurs actes, dans leur destin, dans leurs refus, dans leurs aveuglements, dans leur succès et dans leur sort, nonobstant leurs dons innés et leur acquis social, sans égard pour le caractère ou le sexe, et que bon gré mal gré suivra le train du signifiant comme armes et bagages, tout ce qui est du donné psychologique.» (Écrits, 30)

Neste contexto, a metáfora inaugural do Nome-do-Pai, metáfora paterna ou do Pai simbólico afigura-se como capital para a instauração, no sujeito, da ordem simbólica da linguagem e para a compreensão não só

da supremacia no discurso analítico do significante sobre o significado, mas também para o estabelecimento dos processos da linguagem dos quais o inconsciente é uma condição.

A metáfora do Nome-do-Pai representa para o discurso analítico uma matriz inaugural para a metáfora e funda os seus alicerces em Freud na questão do objecto fálico. Aliás, a prevalência da referência ao objecto fálico na obra de Freud é destacada por Lacan:

«C'est là un fait tout à fait essentiel, caractéristique de toutes les théorisations données et maintenues par Freud. Quelque remaniement qu'il ait apporté à sa théorisation, à travers toutes les phases de la schématisation qu'il a pu donner de la vie psychique, la prévalence du centre phallique n'a jamais été modifiée.» (Séminaire III, 351)

Ora existe uma confusão vulgarizada no discurso analítico que consiste em amalgamar pénis e falo. De facto, a referência ao falo não procede pela castração por via do pénis, mas por via da referência ao pai, i.e., a referência a uma função que mediatiza a relação da criança à mãe e da mãe à criança. Com efeito, a referência fálica tem muita presença, mesmo implícita, por meio da metaforização, no sentido em que todo o sujeito a reivindica quando na realidade ninguém a possui:

«Il ne peut s'agir purement et simplement d'éléments imaginaires. Ce qu'on trouve dans l'imaginaire sous la forme de la mère phallique, n'est pas homogène, vous le savez tous, au complexe de castration, en tant que celui-ci est intégré à la situation triangulaire de l'Œdipe. Cette situation n'est pas complètement élucidée par Freud, mais du seul fait qu'elle est maintenue toujours, elle est là pour prêter à une élucidation, qui n'est possible que si nous reconnaissons que le tiers, central pour Freud, qu'est le père, a un élément signifiant, irréductible à toute espèce de conditionnement imaginaire.» (Séminaire III, 355)

Esta disparidade da referência fálica em benefício do implícito fundamenta o carácter operatório da função paterna, posto que o objecto fálico não é sustentado a partir da realidade anatómica do pénis; sempre que se usa o termo « fálico » é em referência a uma função simbólica. Nestas condições, o falo é prevalecente na medida em que é considerado significante instituindo a ordem simbólica:

«Le phallus ici s'éclaire de sa fonction. Le phallus dans la doctrine freudienne n'est pas un fantasme, s'il faut entendre par là un effet imaginaire. Il n'est pas non plus comme tel un objet (partiel, interne, bon, mauvais etc.) pour autant que ce terme tend à apprécier la réalité intéressée dans une relation. Il est encore bien moins l'organe, pénis ou clitoris, qu'il symbolise.

Car le phallus est un signifiant, (...). Car c'est le signifiant destiné à désigner dans leur ensemble les effets de signifié, en tant que le signifiant les conditionne par sa présence de signifiant.» (Écrits, 690)

Por esta argumentação, é possível determinar os traços do objecto fálico. Por um lado, a noção da falta promove o objecto fálico e, por outro, promove-o para além da realidade anatómica. Trata-se de uma promoção simbólica.

Para a prossecução da metáfora do pai, Lacan considera que o complexo de Édipo tem início no processo de maturação da criança. Esse momento é contemporâneo do *estado do espelho* em que se esboça um tipo de identificação num fundo de relação de alienação específica à mãe.

O *estado do espelho* organiza-se como uma experiência de identificação ao longo da qual a criança efectua a conquista da imagem do seu próprio corpo. A identificação primordial da criança a essa imagem pretende pôr cobro ao fantasma do corpo fragmentado. A esta conquista da identidade subjaz um reconhecimento imaginário que pressupõe, pela mesma ocasião, um princípio constitutivo de alienação no imaginário.

Posteriormente, a criança experimenta uma relação de indistinção fusional em relação à mãe. Este tipo de relação decorre dos cuidados de que beneficia a criança e que a levam a identificar-se ao que ela supõe ser o desejo da mãe. Esta identificação ligada à proximidade tem por consequência a criança sentir-se o objecto do que é suposto faltar à mãe. Ora esse objecto susceptível de colmatar a falta do outro é de facto o falo.

A alienação da criança à problemática fálica desenvolve-se sob o modo da dialéctica do ser ou não ser o falo. Com efeito, a relação fusional em relação à mãe é proporcional à inexistência de nenhum elemento terceiro que possa mediar a identificação fálica da criança no lugar da mãe. Porém, trata-se de uma convicção radicalmente imaginária já que a identificação fálica supõe uma instância mediadora (o Pai).

Ora, a mediação paterna, através da privação, interdição e frustração, desempenha um papel fundamental na configuração da relação mãe-filho-falo. De facto, é a castração pelas suas ressonâncias relativamente à proibição do incesto que mais directamente remete para a referência simbólica, a função paterna guiando o acesso da criança ao simbólico. Na castração, o objecto em falta não é real, é o falo que é imaginário.

A criança é então instada a alterar a sua identificação fálica e, pela mesma ocasião, a renunciar a ser o objecto de desejo da mãe. Na dialéctica do ser, o pai surge como o outro, como causa de frustração e privação na relação mãe-filho. A rivalidade imaginária obriga ao deslocamento do objecto fálico que conduz a



criança a encontrar a lei do Outro. Pela mesma ocasião, a criança descobre a dimensão mais importante do desejo que submete o desejo de cada um à lei do desejo do Outro:

«Le père est, dans l'Autre, le signifiant qui représente l'existence du lieu de la chaîne signifiante comme loi. Il se place, si je puis dire, au-dessus de celle-ci.

Le père est dans une position métaphorique pour autant que, et uniquement dans cette mesure, la mère fait de lui celui qui sanctionne par sa présence l'existence comme telle du lieu de la loi. Une immense latitude est donc laissée aux modes et moyens dans lesquels cela peut se réaliser, et c'est pourquoi cela est compatible avec diverses configurations concrètes.

C'est dans cette mesure que le troisième temps du complexe d'Œdipe peut être franchi, c'est-à-dire l'étape de l'identification où il s'agit pour le garçon de s'identifier au père en tant que possesseur du pénis, et pour la fille, de reconnaître l'homme en tant que celui qui le possède.» (Séminaire V, 196)

Com a metáfora paterna, o desejo é mediado pela linguagem. Ao transferir o objecto perdido para objectos substitutivos, que são significantes, o desejo não tem outra saída senão tornar-se palavra que assenta no pedido. No entanto, o desejo perde-se numa cadeia indefinida de substitutos significantes que simbolizam os objectos substitutivos; continuando o sujeito a nomear, sem o saber, o desejo original:

«La présence du signifiant dans l'Autre, est en effet une présence fermée au sujet pour l'ordinaire, puisque ordinairement c'est à l'état de refoulé (*verdrängt*) qu'elle y persiste, que de là elle insiste pour se représenter dans le signifié, par son automatisme de répétition (*Wiederholungszwang*).» (Écrits, 557)

Assim, o desejo fica para sempre insatisfeito por ter tido necessidade de derivar em linguagem. Renasce constantemente por estar sempre noutra sítio em que o significante pode simbolizar o objecto<sup>(8)</sup>. Esta constatação permite associar o desejo à cadeia da metonímia:

---

(8) Dor sublinha a importância original da metonímia para a expressão diferida do desejo: «La métaphore du Nom-du-Père met l'enfant à demeure de prendre la partie (objet substitutif) pour le tout (objet perdu). De même «qu'une voile à l'horizon» consiste à désigner le tout (le navire) par la partie (la voile), de même le désir persiste à désigner le désir du tout (objet perdu) par l'expression du désir de la partie (objets substitutifs).» (Dor, 1985, 121)

«La promotion du signifiant comme tel, la venue au jour de cette sous-structure toujours cachée qu'est la métonymie, est la condition de toute investigation possible des troubles fonctionnels du langage dans la névrose et la psychose.» (Séminaire III, 262)

De facto, a metáfora paterna é estruturante da evolução psíquica da criança. Além de instaurar o seu acesso à dimensão simbólica, descolando a criança da sua sujeição imaginária à mãe, confere-lhe o estatuto de sujeito do desejo.

Porém, esse estatuto é causa de nova alienação na linguagem, porque o desejo passa a ser representado com significantes substitutivos que conferem ao objecto do desejo a qualidade de objecto metonímico. Perfilhando a perspectiva de Dor, a metáfora do Nome-do-Pai é um cruzamento estrutural com várias consequências – «Qu'il s'agisse de sa réussite comme de ce qui aliène le désir du sujet dans la dimension du langage en instituant une structure de division subjective (*spaltung*) qui le sépare irréversiblement d'une partie de lui-même en faisant advenir l'inconscient.» (Dor, 1985, 122)

Como já ficou estabelecido, a metáfora do pai é um processo que inicia a evolução psíquica da criança: por um lado, como sujeito que acede ao simbólico e, por outro, instaura uma estrutura de divisão psíquica do mesmo sujeito. Ora, o princípio que organiza a metáfora do Nome-do-Pai prende-se com um efeito de significante que advém da sua substituição na cadeia. É, então, a ordem significante que faz emergir o sujeito na sua estrutura de divisão: o sujeito do inconsciente é um sujeito do significante que emerge pela linguagem.

Esta operação decorre com a instauração do processo da metáfora paterna em que o sujeito continua, sem o saber, a nomear o objecto do seu desejo, i.e., a significar o Nome-do-Pai:

«Ça parle dans l'Autre, disons-nous, en désignant par l'Autre le lieu même qu'évoque le recours à la parole dans toute relation où il intervient. Si ça parle dans l'Autre, que le sujet l'entende ou non de son oreille, c'est que c'est là que le sujet, par une antériorité logique à tout éveil du signifié, trouve sa place signifiante. La découverte de ce qu'il articule à cette place, c'est-à-dire dans l'inconscient, nous permet de saisir au prix de quelle division (*Spaltung*) il s'est ainsi constitué.» (Écrits, 689)

Se a estrutura da linguagem *re-produz* a realidade, é impossível referir-se uma realidade que está para além. De facto, não se pode construir uma linguagem que examine a própria linguagem, porque também obedece à estrutura da linguagem:

«Partons de la conception de l'Autre comme du lieu du signifiant. Tout énoncé d'autorité n'y a d'autre garantie que son énonciation même, car il est vain qu'il le cherche dans un autre signifiant, lequel d'aucune façon ne saurait apparaître hors de ce lieu. Ce que nous formulons à dire qu'il n'y a pas de métalangage qui puisse être parlé, plus aphoristiquement : qu'il n'y a pas d'Autre de l'Autre.» (Écrits, 813)

Por outras palavras, é impossível construir uma interpretação da interpretação *ad infinitum*, como esclarece Leupin com as palavras seguintes:

«There is no “Other of the Other” is a rephrasing of “there is no metalanguages”, it means that, whatever our wishes, we cannot go beyond the Symbolic order to try to grasp its structure: the Symbolic order (language) can be enlightened only by itself. There is no infinite regression from one descriptive language to another, it all ends up in the Symbolic order itself. » (Leupin, 2004, 39)

Trata-se, então, de reencontrar as leis que regem a cena do inconsciente através dos seus efeitos no sonho que se regulam como uma cadeia de elementos da linguagem materialmente instável, porque a sua articulação se funda na diferenciação.

Por outro lado, a dupla regra da metonímia e metáfora geradoras de significado é determinante para a instituição do sujeito. Com a palavra, *isso fala* no Outro, porque na palavra encontra toda a relação em que intervém.

O homem não está no eixo do algoritmo: em primeiro lugar, esse lugar não existe e, em segundo, a significância não é acessível ao sujeito:

«(...) Le S et le s de l'agorithme saussurien ne sont pas dans le même plan, et l'homme se leurrait à se croire placé dans leur commun axe qui n'est nulle part.

Ceci du moins jusqu'à ce que Freud en ait fait la découverte. Car si ce que Freud a découvert n'est pas cela même, ce n'est rien.» (Écrits, 518)

A originalidade de Lacan consiste em provar que o significante actua separadamente da sua significação e por desconhecimento do sujeito. De facto, a dimensão literal do significante, sendo um elemento constitutivo do inconsciente, faz sentir os seus efeitos no inconsciente sem que o sujeito intervenha.

#### 1.2.4. A literalização do sujeito

Através da alienação do sujeito à ordem simbólica, institui-se uma *literalização* do sujeito que deriva deste último ser implicado na estrutura da linguagem:

«Le sujet aussi bien, s'il peut paraître serf du langage, l'est plus encore d'un discours dans le mouvement universel duquel sa place est déjà inscrite à sa naissance, ne serait-ce que sous la forme de son nom propre.» (Écrits, 495)

Esta *literalização* é dupla: por um lado, a linguagem e a sua estrutura pré-existe ao desenvolvimento mental do sujeito e, por outro, o sujeito, como locutor, retira na estrutura da linguagem o suporte material do seu discurso.

Assim, a letra, como significante localizado numa estrutura, é matéria e não substância, ou por outras palavras, a materialidade da linguagem, tal como o inconsciente, não deve ser pensada como uma materialidade substancial:

«Qu'on prenne le signifiant tout bêtement par le bout de la matérialité irréductible que comporte la structure en tant qu'elle est la sienne, qu'on l'évoque sous la forme d'un loto, et l'évidence apparaîtra qu'il n'y a au monde que le signifiant à pouvoir supporter une coexistence – que le désordre constitue (dans la synchronie) – d'éléments où subsiste l'ordre le plus indestructible à se déployer (dans la diachronie) : cette rigueur dont il est capable, associative, dans la seconde dimension, se fondant même dans la commutativité qu'il montre à être interchangeable dans la première.» (Écrits, 658)

Lacan não deixará de reiterar que o objecto da psicanálise é a linguagem. Esta não se junta a outra estrutura existente, antes constitui o cerne do inconsciente:

«Le minimum que vous puissiez m'accorder concernant ma théorie du langage, c'est, si cela vous intéresse, qu'elle est matérialiste.

Le signifiant, c'est la matière qui se transcende en langage.» (Autres Écrits, 208/209)

A condição indispensável para esse materialismo reside na ênfase conferida ao significante que contribui para um materialismo radical da sua teoria da linguagem:

« Qu'est-ce que ça implique ? – sinon que nous, nous allons pouvoir commencer à jouer avec les petites lettres de l'algèbre qui transforment la géométrie en analyse – que la porte est ouverte à la théorie des ensembles – que nous pouvons tout nous permettre comme hypothèse de vérité. » (Séminaire XI, 45)

Para Lacan, em “Du sujet enfin en question” (Écrits, 229), a forma da verdade do sintoma pode unicamente ser compreendida em articulação na cadeia significante e, nesta dimensão, residir a sua verdade. Assim, o sintoma constitui-se, para a psicanálise, como uma garantia da verdade do sujeito. E esta é indispensável para consolidar uma cientificidade que legitimamente pode ser vilipendiada, depois da descoberta e subversão do sujeito freudiano:

«A la différence du signe, de la fumée qui n'est pas sans feu, feu qu'elle indique avec appel éventuellement à l'éteindre, le symptôme ne s'interprète que dans l'ordre du signifiant. Le signifiant n'a de sens que de sa relation à un autre signifiant. C'est dans cette articulation que réside la vérité du symptôme. Le symptôme gardait un flou de représenter quelque irruption de vérité. En fait il est vérité, d'être fait du même bois dont elle est faite, si nous posons matérialistement que la vérité, c'est ce qui s'instaure de la chaîne signifiante.» (Écrits, 234/235)

Assim, a teoria da letra implica a pré-inscrição do sujeito no discurso, de modo que se reforça a *literalização* do sujeito. Este subscreve um contrato social com base no qual se garante a fala.

A *literalização*, como expressão de um contrato social, remete para o tema da passagem convencionalizada da animalidade para a humanidade. Dado que o indivíduo se inscreve na sociedade através da linguagem e que esta preexiste àquela, pode-se dizer que a socialidade do sujeito lacaniano advém da primitividade radical da letra. É a sua literalidade:

«L'homme parle donc, mais c'est parce que le symbole l'a fait homme. A l'alliance préside un ordre préférentiel dont la loi impliquant les noms de parenté est pour le groupe, comme le langage, impérative en ses formes, mais inconsciente en sa structure» (Écrits, 276)

Essa herança cultural pré-existe ao próprio indivíduo e funda as estruturas elementares da cultura. A perspectiva antropológica da teoria de Lacan é também corroborada por Lemaire quando enuncia que a

linguagem *re-produz* (Lemaire, 1977, 101) a realidade. Como a linguagem é indissociável do pensamento, o conhecimento do mundo, dos outros e de si, é determinada pela língua que dá um enfoque central à supremacia da ordem significante sobre o homem.

Enquanto os animais comunicam através de um código com um sistema de signos em que cada signo tem um único sentido, a linguagem é equívoca, porque o Homem é capaz de conceptualizar a distinção entre significante e significado:

«Les signes sont plurivalents: ils représentent sans doute quelque chose pour quelqu'un ; mais ce quelqu'un, son statut est incertain, de même que celui du langage prétendu de certains animaux, langage de signes qui n'admet pas la métaphore, ni n'engendre la métonymie.» (Écrits, 840)

Leupin sublinha a importância da distinção entre significante e significado nos termos seguintes:

«In other words, because animal codes don't exhibit the distinction between signifier and signified, the signs they emit have but one meaning; conversely, the distinction between the signifier and the signified is what characterizes human language and makes it ambiguous and equivocal. » (Leupin, 2004, 39)

### 1.2.5. Os processos de elaboração do inconsciente

O princípio de Lacan que pugna por um regresso a Freud confirma que o sentido da experiência da psicanálise deve ser reencontrado na obra de Freud que observava que o sonho assemelha-se a uma escrita que obriga a decifrar o uso dos significantes como fonemas e não só equipara o significante, na terminologia de Saussure, à letra, elemento nuclear de um discurso enformado por uma linguagem, mas também localiza a letra como significante que estrutura o real em virtude da sua dimensão simbólica.

De facto, o trabalho de elaboração do sonho é extremamente minucioso no sentido em que, com artificios semelhantes aos da retórica, o sujeito contorce o seu discurso onírico:

«Ellipse et pléonasmе, hyperbate ou syllepse, régression, répétition, apposition, tels sont les déplacements syntaxiques, métaphore, catachrèse, antonomase, allégorie, métonymie et synecdoque, les condensations sémantiques, où Freud nous apprend à lire les intentions ostentatoires ou démonstratives, dissimulatrices ou persuasives, rétorsives ou séductrices, dont le sujet module son discours onirique.» (Écrits, 268)

Com efeito, é no trabalho dos sonhos que podem ser identificados os dois processos primários de elaboração do inconsciente: a condensação e o deslocamento. A elaboração dos sonhos consiste na transferência do conteúdo de pensamentos latentes para o material do conteúdo manifesto, através do deslocamento daquilo que é manifestamente significante nos pensamentos latentes para o nível do conteúdo manifesto.

Para comprovar a importância dos processos da linguagem nas elaborações do inconsciente, Lacan sublinha que a obra de Freud é muito profícua em referências filológicas. Estas reforçam-se à medida que a importância do inconsciente aumenta. Nesta ordem de ideias, a dimensão significante do discurso é sempre convocada para a descoberta do inconsciente:

«L'opposition de la métaphore et de la métonymie est fondamentale, car ce que Freud a mis originellement au premier plan dans les mécanismes de la névrose, comme dans ceux des phénomènes marginaux de la vie normale ou du rêve, ce n'est ni la dimension métaphorique, ni l'identification. C'est le contraire. D'une façon générale, ce que Freud appelle la condensation, c'est ce qu'on appelle en rhétorique la métaphore, ce qu'il appelle le déplacement, c'est la métonymie. La structuration, l'existence lexicale de l'ensemble de l'appareil signifiant, sont déterminantes pour les phénomènes présents dans la névrose, car le signifiant est l'instrument avec lequel s'exprime le signifié disparu. C'est pour cette raison qu'en ramenant l'attention sur le signifiant, nous ne faisons rien d'autre que de revenir au point de départ de la découverte freudienne.» (Séminaire III, 250/251)

Contudo, para ser decifrado, o discurso onírico deve ser lido como um *rébus* que usa as incidências imaginárias como estruturas mínimas significantes. É a estrutura da linguagem com o modo de funcionamento dos significantes que permite a significância do sonho como expressão do desejo do Outro:

«C'est cette ex-sistence du désir dans le rêve qui explique que la signifiante du rêve y masque le désir, cependant que son mobile s'évanouit d'être seulement problématique.» (Écrits, 629)

«Ici l'occasion est unique à montrer la figure que nous énonçons en ces termes : que le désir inconscient est le désir de l'Autre – puisque le rêve est fait pour satisfaire au désir du patient au-delà de sa demande, comme le suggère qu'il réussisse.» (Écrits, 632)

Freud estabelece uma semelhança entre o sonho e um *rébus* que funciona como uma chave para a interpretação, em virtude do valor significante das imagens determinar, na operação de leitura, a significância do sonho: dado que os sonhos primam pela sua textura significante e têm a estrutura da linguagem, a *traumdeutung* é possível.

E, como tal, os significantes não são motivados relativamente à sua significação e a sua natureza é arbitrária, quando associados ao inconsciente:

«Entre le signifiant énigmatique du trauma sexuel et le terme à quoi il vient se substituer dans une chaîne signifiante actuelle, passe l'étincelle, qui fixe dans un symptôme, - métaphore où la chair ou bien la fonction sont prises comme élément signifiant, - la signification inaccessible au sujet conscient où il peut se résoudre.» (Écrits, 518)

Assim, a dimensão da relação de significante a significante como ordem fechada antecipa e determina todo o processo de significação a jusante. Verifica-se um deslizamento constante do significado sob o significante. Esta constatação não só explica o modo como o Outro transmite uma mensagem de forma invertida, expressamente enunciado na abertura dos *Écrits*:

«Ce serait simplement satisfaisant à ce principe par nous promu : que dans le langage notre message nous vient de l'Autre, et pour l'énoncer jusqu'au bout : sous une forme inversée.» (Écrits, 9)

Dado que o significado é efeito do significante e que Lacan se desvia da perspectiva biunívoca do significante e significado, este flui e desliza por baixo daquele. É nesta acepção que Lacan alude ao esquema saussuriano dos «reinos flutuantes» (Écrits, 502/503) para ilustrar a falta de biunivocidade entre significante e significado. De facto, não há correspondência sincrónica entre o significante e o significado «Car le signifiant de sa nature anticipe toujours sur le sens en déployant en quelque sorte au devant de lui sa dimension.» (Écrits, 502). Esta constatação permite admitir uma intencionalidade do significante, uma espécie de significação condicional de que o gráfico do *point de capiton* constitui uma ilustração.

A transposição é uma condição essencial da função do sonho que opera segundo o esquema definido pelo deslizamento do significado sob o significante. Esta operação de incidência do significante no significado ( $\frac{S}{s}$ ) tem duas vertentes: a condensação (metáfora) e o deslocamento (metonímia).

Dado que o inconsciente determina o discurso do sujeito, imiscui-se no processo de significação ou de transposição da cadeia significante para o significado ( $f(S)\frac{I}{s}$ ).



Essa interferência procede, em função do encadeamento da matéria onírica, de dois modos: com a metonímia em que a conexão dos significantes resulta na congruência de um significante por causa da preservação da barra ( $f(S...S')S \cong S(-)S$ ) que o desejo investe em significação pela ausência do objecto (o significante substitui o objecto de desejo que falta), ou com a metáfora em que a substituição de significante por outro tem por efeito uma significação através da transposição da barra ( $f\left(\frac{S'}{S}\right)S \cong S(+)S$ ).

Por outro lado, estes dois mecanismos do trabalho do sonho e a sua homóloga função no discurso distinguem-se relativamente aos meios da encenação, porque o inconsciente considera a fala como um elemento entre outros da encenação. Esta não é uma mera imitação, antes organiza uma escrita:

«C'est justement quand le jeu et aussi bien le rêve se heurteront au manque de matériel taxiématique pour représenter les articulations logiques de la causalité, de la contradiction, de l'hypothèse, etc., qu'ils feront preuve que l'un et l'autre ils sont affaire d'écriture et non de pantomime. Les procédés subtils que le rêve s'avère employer pour représenter néanmoins ces articulations logiques, de façon beaucoup moins artificielle que le jeu n'y pare d'ordinaire, sont dans Freud l'objet d'une étude spéciale où se confirme une fois de plus que le travail du rêve suit les lois du signifiant.» (Écrits, 512)

### 1.2.6. A significância.

Como já foi sublinhado, Lacan recorre a conceitos da linguística para benefício da psicanálise. No entanto, ao conferir grande importância à transposição da barra do algoritmo, Lacan enfatiza o *furo* em virtude da lógica diferencial determinar a natureza do significante. Esta definição do jogo dos significantes como correlação de *furos* do sentido, sem os quais os significantes não representariam nada, firma a articulação global da cadeia dos significantes:

«Or la batterie des signifiants, en tant qu'elle est, étant par là même complète, ce signifiant ne peut être qu'un trait qui se trace de son cercle sans pouvoir y être compté. Symbolisable par l'inhérence d'un (-1) à l'ensemble des signifiants.» (Écrits, 819)

Há, então, uma pura *operatividade*, chamada significância<sup>(9)</sup> que se funda na lógica seguinte: existe, simultaneamente, uma autonomia positiva dos significantes e o paradoxo de um funcionamento centrado num *furo*, uma falta em toda a cadeia significante:

«Ce qui tient à l'instance dans le rêve de cette même structure littéraire (autrement dit phonématique) où s'articule et s'analyse le signifiant dans le discours. (...) Les images du rêve ne sont à retenir que pour leur valeur de signifiant, c'est-à-dire pour ce qu'elles permettent d'épeler du «proverbe» proposé par le rébus du rêve. Cette structure de langage qui rend possible l'opération de la lecture, est au principe de la *signifiance du rêve*, de la *traumdeutung*.» (Écrits, 510)

A fórmula negativa da significância revela as condições estruturais do funcionamento do significante e a primazia que é conferida no sistema lacaniano à estruturalidade da articulação das unidades mínimas<sup>(10)</sup>.

As unidades significantes decompõem-se em fonemas. Daí a importância do uso da palavra “letra” na sua aceção material e aptidão à localização, por um lado, e sua estrutura diferencial, por outro. Num plano superior, os significantes constituem-se em “locução verbal”.

A articulação significante pode ser descrita com base nos dois eixos saussurianos do sintagma e do sistema. No entanto, este esquema subordina a constituição do signo à separação do significante do significado e a prevalência da cadeia dos significados sobre a cadeia significante.

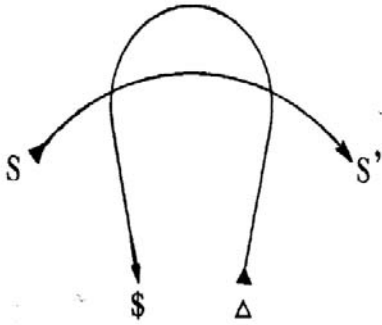
Na realidade, deve-se antes manter a preexistência e autonomia do significante. Daí o deslizamento sem fim do significado no significante. Se não há significação pontual, antes deslizamento, movimento constante da significação – como podemos formular o efeito de sentido ou significação?

De facto, a questão situa-se no estabelecimento da relação entre a cadeia significante e a cadeia dos significados. Para Lacan, não se trata de um “corte” tal como Saussure enunciou que determina o funcionamento mas de uma delimitação com um conceito original de Lacan denominado *point de capitor*.

---

(9)Os autores de *Le titre de la lettre* sublinham essa operatividade nos termos seguintes: «Il y a donc ici quelque chose comme une pure opérativité au principe de ce que Lacan nommera bientôt lui-même la signifiance, - sans que pour autant, toutefois, la valeur d'opération (de mécanisme) soit explicitement thématisée comme le moment de la destruction du sens, encore moins de l'opposition du sens et de l'opération (...) C'est de là, donc, que l'opération elle-même tire sa possibilité et qu'ainsi se fonde la logique du signifiant, c'est-à-dire à la fois son autonomie et son fonctionnement paradoxalement «centré» sur un trou, un manque.» (Lacoue-Labarthe e Nancy, 1973, 52)

(10)Repare-se que a prevalência do termo significante é determinante nos *Écrits* e se aparece sob a designação de letra, refere-se a uma unidade mínima localizada como o fonema.



1. "Point de capiton" (Écrits, 805).

Com o chamado "point de capiton" (gráfico I, Écrits, 805), Lacan ilustra o modo da cadeia significante interromper por cruzamento o deslizamento indefinido da significação. Essa interrupção produz-se pelo vector retroactivo que circula do desejo ( $\Delta$ ) para o S barrado (sujeito):

«On peut donc avancer, comme le fait Lacan, que ce n'est jamais que *rétroactivement* qu'un signe fait sens dans la mesure où la signification d'un message n'advient qu'au terme de l'articulation signifiante elle-même. Cette dimension rétroactive du sens est matérialisée sur le schéma du *point de capiton* par le sens *rétrograde* du vecteur  $\Delta \rightarrow \$$ ; autrement dit, c'est dans la dimension de *l'après-coup* que le *point de capiton* arrête le glissement de la signification.» (Dor, 1985,51)

A função do *point de capiton* situa-se no desenvolvimento diacrónico da frase que fecha a sua significação com o último elemento no sentido em que cada elemento antecipa a construção do próximo e o próximo determina o sentido global da asserção por um efeito retroactivo.

Assim para "acontecer" uma significação, é preciso que o significante interrompa o deslizamento do significado por um fenómeno de *ancoragem* onde a significação seja produto acabado:

«On sait que la «solution», c'est la théorie dite des «points de capiton», (...). Théorie selon laquelle, pour rappeler brièvement l'essentiel, il faut, pour qu'une signification se produise à un moment donné, qu'en général, de place en place, le signifiant interrompe le glissement du signifié comme par un phénomène d'ancrage qui donne lieu à la *punctuation* «où la signification se constitue comme produit fini.»(Lacoue-Labarthe e Nancy, 1973, 52)

De facto, a ordem significante opera a divisão do sujeito como propriedade fundamental da subjectividade. Dessa divisão ressalta a alienação do sujeito na e pela linguagem em consequência da relação que mantém com a ordem simbólica. Dado que o sujeito se dizima na cadeia significante, ele tem, em consequência dessa relação, um carácter radicalmente inessencial, é um sujeito de letra.

Ora, a linguagem tem uma propriedade que advém da metáfora paterna que consiste em representar a presença de um real em benefício da ausência desse real como tal. Assim, a relação do sujeito com o seu discurso apoia-se no mesmo efeito de cisão. De facto, anula-se como sujeito para ser unicamente representado num símbolo.

Esta constatação permite a Dor inferir que «Non seulement le sujet n'est pas cause du langage, mais il est causé par lui.» (Dor, 1985, 137). Como consequência, o sujeito que emerge pela linguagem resulta do efeito que o faz existir para logo o eclipsar na autenticidade do seu ser, – «Cette aliénation du sujet dans son propre discours est à proprement parler la refente du sujet (le fading du sujet).» (Dor, 1985, 137)

Ora, se se partir do princípio que a linguagem é uma sistema de signos em que estes adquirem valor em relação com os outros, em que o efeito deslizamento consequente é interrompido pelo *point de capiton* e que o sujeito é instaurado na ordem significante pela metáfora paterna, pode-se concluir que um significante é o que representa um sujeito para outro.

Dado que o sujeito é representado por um significante que o institui como sujeito no discurso, este deve ser considerado como um efeito do significante. Não é causa do significante e daí a noção lacaniana de sujeito barrado:

«Mais ce sujet, c'est ce que le signifiant représente, et il ne saurait rien représenter que pour un autre signifiant: à quoi dès lors se réduit le sujet qui écoute.

Le sujet donc, on ne lui parle pas. Ça parle de lui, et c'est là qu'il s'appréhende, et ce d'autant plus forcément qu'avant que du seul fait que ça s'adresse à lui, il disparaisse comme sujet sous le signifiant qu'il devient, il n'était absolument rien. Mais ce rien se soutient de son avènement, maintenant produit par l'appel fait dans l'Autre au deuxième signifiant.» (Écrits, 835)

## 2. O SUJEITO NA LINGUAGEM

### 2.1. A excentricidade do sujeito na linguagem

Depois de ter definido com algoritmos a estrutura da metáfora e da metonímia e ter localizado o sujeito na passagem do significante para o significado, trata-se, então, para Lacan, de definir a função do sujeito no processo descrito. Para esse fim, recorre ao *cogito cartesiano* por não só inaugurar as prerrogativas do sujeito moderno, mas também encetar uma reflexão sobre as condições da ciência.

Apesar de Descartes ter estabelecido o sujeito pelo facto do pensar, o sujeito só pode ser pensado como estruturado pela linguagem. No entanto, aponta-se que Descartes amalgama o que pensa, que é o sujeito, e o que é pensado, que é a matéria do pensar.

Com Freud, o inconsciente assumiu o estatuto do sujeito, i.e., o que pensa sem o saber, ao que se deve enunciar uma reserva: “Il n’y a qu’une chose qui cloche, c’est que ça ne peut dire d’aucune façon «donc je suis», c’est-à-dire se nommer comme étant ce qui parle.» (Lacan in GeorGIN, 1984, 14)

Logo, impõe-se a estrutura topológica do ser que pensa onde não está. Decorre daí que, em todo o enunciado, o sujeito da enunciação é separado do ser (por uma barra) – «Ce qu’il faut dire, c’est : je ne suis pas, là où je suis le jouet de ma pensée ; je pense à ce que je suis, là où je ne pense pas penser.» (Écrits, 517)

Esta verificação destina-se a instalar a teoria do sujeito alicerçada na única ciência possível: a ciência da letra. Esta ciência não deixa de se relacionar com a linguística, dado que uma teoria do sujeito deve embrenhar-se numa teoria da linguagem. Daí, a exaltação de Saussure como pioneiro da linguística como ciência. E da cientificidade da linguística decorre a ciência do sujeito analítico que se constitui progressivamente:

«La science de la lettre n’est pas sans rapport, en effet, avec la linguistique, pour autant du moins que la théorie du sujet doit en passer par une théorie du langage. C’est pourquoi l’on peut considérer que cette première partie [« Le sens de la lettre»] s’achève sur l’appel que fait Lacan à la fondation saussurienne de la linguistique comme science. Appel qui se formule dans les termes mêmes de l’épistémologie contemporaine, c’est-à-dire à la fois dans l’évocation du statut expérimental de la linguistique, garant de la scientificité de son objet et dans l’application

au geste fondateur de Saussure du concept bachelardien de *rupture*.» (Lacoue-Labarthe e Nancy, 1973, 36)

Um significante é uma categoria formal e não descritiva, não transporta um conteúdo e pode adquirir várias figuras, tais como o sintoma, o lapso, a narração de um sonho, etc. É sempre a expressão involuntária de um ser falante. Por outro lado, é desprovido de sentido, existe na condição de se ligar a um conjunto de outros significantes:

«Notre définition du signifiant (il n'y en a pas d'autre) est : un signifiant, c'est ce qui représente le sujet pour un autre sujet. Ce signifiant sera donc le signifiant pour quoi tous les autres signifiants représentent le sujet : c'est dire que faute de ce signifiant, tous les autres ne représenteraient rien. Puisque rien n'est représenté que pour.» (Écrits, 819)

Esta concepção do conhecimento do sujeito moderno baseada na representação proporcionada pelo significante altera a visão tradicional, porque o conhecimento veiculado adquire pertinência em articulação com outro conhecimento:

«Avec Lacan, il se produit comme une coupure qui a renversé de façon décisive la théorie de la connaissance. Elle consiste en cela que le sujet véhicule une représentation, sans que cette représentation s'adresse à lui. Cette coupure n'existait pas auparavant en philosophie, (...). Classiquement, la représentation s'offre aux yeux de celui qui la véhicule; la représentation, c'est représenter pour quelqu'un. Or, la nouveauté chez Lacan consiste à considérer que la représentation véhiculée par le sujet est coupée de lui, ne s'adresse pas à lui. Le sujet la porte, mais le destinataire est autre.» (Nasio, 1992, 228)

Trata-se, então, de situar no seu devido lugar a função do sujeito em função da articulação significativa instituída. Para isso, Lacan funda-se no *cogito cartesiano* que gerou o sujeito moderno ao exprimir:

«*Je pense, donc je suis (cogito ergo sum)*, n'est pas seulement la formule où se constitue, avec l'apogée historique d'une réflexion sur les conditions de la science, la liaison à la transparence du sujet transcendantal de son affirmation existentielle.» (Écrits, 516)

Através da máxima cartesiana, pode-se inferir um carácter simbiótico para o sujeito porque a instância que pensa (*res cogitans*) é também objecto (*res cogitatum*) do pensar.

O cogito cartesiano constitui simultaneamente o sujeito da ciência moderna e um preâmbulo para a descoberta freudiana do inconsciente porque o *cogito* é, no momento da dúvida metódica, um sujeito completamente esvaziado de conteúdo e substância psicológica, um sujeito completamente destituído de saber, reduzido a um ponto desvanescente, um sujeito cujo ser é tão-somente de letra (*l'être de lettre du sujet*) – tal como o sujeito do inconsciente.

Porém, com a distinção estabelecida pelo algoritmo saussuriano, é legítima a questão seguinte: o lugar de sujeito do significante em relação ao lugar do sujeito do significado é concêntrico ou excêntrico?

Por outras palavras, é necessário saber se, quando falo de mim, sou o mesmo que aquele de quem falo. Com esta asserção, Lacan constata que não há identificação do *cogitatum* e *cogitans*, situando o sujeito do *cogito* cartesiano numa excentricidade determinante para a descoberta freudiana do sujeito do inconsciente e respectivas consequências para a ciência com tradução no algoritmo de inspiração saussuriana:

« (...) Le S et le s de l'algorithme saussurien ne sont pas dans le même plan, et l'homme se leurrerait à se croire placé dans leur commun axe qui n'est nulle part.

Ceci du moins jusqu'à ce que Freud en ait fait la découverte. Car si ce que Freud a découvert n'est pas cela même, ce n'est rien.» (Écrits, 518)

Para Lacan, a subjectividade do sujeito é considerada na perspectiva do sujeito dividido como sujeito do inconsciente, como sujeito do desejo. O *ça parle* refere-se ao ser do sujeito na verdade do seu desejo. Deste modo, o desejo substitui o ser e nessa perspectiva Lacan assume que não há uma ontologia do sujeito.

Essa verdade não pode ser pronunciada pelo próprio sujeito dado que o sujeito só é representado no seu próprio discurso. A verdade do desejo subverte o sujeito através da dimensão da linguagem.

Na realidade, o desejo do sujeito fala no discurso sem o sujeito saber. Estas asserções permitem a Dor concluir que «En ce sens, le désir apparaît alors comme strictement coextensif au registre de l'inconscient. *Le sujet dans la vérité de son désir peut donc être posé comme sujet de l'inconscient.*» (Dor, 1985, 147).

Porém, a linguagem que faz emergir o sujeito é uma elaboração da fala relacionada com as estruturas gerais do discurso. Ora, é necessário distinguir a vertente do enunciado do discurso e o acto de enunciação que elabora esse enunciado.

Dor esclarece que Lacan retoma os traços da distinção anterior para apontar a oposição entre o *dite* e o *dire* com a consequência que o sujeito só pode dizer meia verdade: dado que o sujeito emerge pela

linguagem, é no acto da articulação significativa, i.e., na enunciação que sobrevém. Assim, o sujeito do inconsciente, ou seja, o sujeito do desejo deve ser localizado ao nível do sujeito da enunciação:

«Nous ne pouvons dès lors ne pas inclure notre discours sur l'inconscient dans la thèse même qu'il énonce, que la présence de l'inconscient, pour se situer au lieu de l'Autre, est à chercher en tout discours, en son énonciation.» (Écrits, 834)

Assim, a teoria da letra é indissociável da teoria do sujeito instituído no e pelo significante. Exclui o sujeito enquanto sujeito substancial do *querer-dizer*, isto é, sujeito psicológico ou antropológico. Assim, o sujeito assume uma função *de-subtancializante* e negativizante conferida pela letra.

## 2.2. Por um axioma do sujeito da ciência.

Além de pretender assumir através do tema da letra a necessidade de regenerar a psicanálise, o percurso do pensamento de Lacan relativamente a esse tema da letra tem um intuito mais lato por incidir na legitimidade científica da psicanálise em comparação com as outras ciências. Em “Science et vérité”, *Écrits*, Lacan estabelece que a definição do estatuto do sujeito é primordial para o estatuto de ciência da psicanálise.

No entanto, esse estatuto não é definido por qualquer discurso teórico sobre o objecto que é próprio das outras ciências; a psicanálise deve encontrar na sua praxis o eixo de uma teoria da ciência e correlativo objecto.

Lacan absorve o pensamento de Descartes na perspectiva em que o filósofo estabeleceu que a legitimidade da ciência se funda no saber e relega para Deus a responsabilidade da verdade. Deste modo, a ciência emancipa-se da necessidade dos fundamentos da verdade e dedica-se ao saber.

Ora este é o mote para um conjunto de reflexões que Lacan desenvolveu à volta do sujeito da ciência que pode ser introduzida pela frase: «Dire que le sujet sur quoi nous opérons en psychanalyse ne peut être que le sujet de la science, peut passer pour un paradoxe.» (Écrits, 858). O sujeito da ciência é aquele que sabe enquanto que o sujeito do inconsciente é aquele que não quer saber (da verdade do seu desejo).

Ora Lacan reconhece no *cogito cartesiano* a inauguração da ciência moderna através do estatuto do sujeito da ciência moderna, ao qual curiosamente Descartes não se refere, e que a ciência moderna procura eliminar como condição da sua objectividade.

Em “Science et Vérité”, Lacan considera que a inauguração do sujeito e correlativa ciência moderna está ligada à assunção do *cogito cartesiano*.



«Mais on a pu remarquer que j'ai pris pour fil conducteur l'année dernière un certain moment du sujet que je tiens pour être un corrélat essentiel de la science: un moment historiquement défini dont peut-être nous avons a savoir s'il est strictement répétable dans l'expérience analytique, celui que Descartes inaugure et qui s'appelle le *cogito*.» (Écrits, 856)

Lacan confirma a necessidade de legitimar o estatuto científico da análise com fundamento em motivações empíricas logo que sejam assimiláveis ao *cogito* cartesiano.

Esta orientação fundadora de Freud impele Lacan, décadas depois, a demarcar-se de outras versões que se afastam dos fundamentos cartesianos da ciência moderna. A fronteira é delimitada da maneira seguinte:

«Dire que le sujet sur quoi nous opérons en psychanalyse ne peut être que le sujet de la science, peut passer pour paradoxe. C'est pourtant là que doit être prise une démarcation, faite de quoi tout se mêle et commence une malhonnêteté qu'on appelle ailleurs objective: mais c'est manque d'audace et manque d'avoir repéré l'objet qui foire.» (Écrits, 858)

Assim, a psicanálise não se pode sonegar ao ideal universal da ciência. Ora, em contraste com o mundo antigo, a ciência moderna criada por Galileu funda-se em dois princípios fundamentais: por um lado, a ciência é susceptível de ser matematizável e, por outro, os algoritmos podem ser submetidos à verificação experimental de forma que o objecto científico é despojado das suas qualidades sensíveis, em favor da dimensão quantificável:

«Only Galileo (...) unites mathematical speculation with empirical verification. It means that, after him, the words "science" and "experiment" will become homonymous to the terms "science" and "experience" up to the seventeenth century. » (Leupin, 2004, 35)

Para Milner, Lacan representa uma figura importante do estruturalismo. Com efeito, numa primeira fase do pensamento<sup>(1)</sup> de Lacan, a matematização da realidade é o ideal de ciência proposto.

Neste sentido, um dado é relevante cientificamente se for devidamente medido e esta norma é generalizável às ciências humanas com as necessárias adaptações: termos quantitativos e qualitativos dissolvem-se sob os efeitos de uma literalização global.

---

(1) A evolução da noção de matematização, que desenvolveremos na segunda parte desta dissertação, é fundamental para Milner (1995) justificar a distinção entre denominado Primeiro classicismo e o Segundo classicismo da obra de Lacan.

E o Lacan matemático, através dos algoritmos, é também como já foi escrito anteriormente estruturalista na acepção em que a linguística se funda na *diferença pura* das unidades mínimas que constituem um sistema com propriedades que tem por referência a cadeia.

O carácter simbólico da construção científica do objecto da psicanálise repousa na sua essência na linguística e a cientificidade de uma faz a cientificidade da outra:

«Ce rudiment est la distinction du signifiant et du signifié dont on honore à juste titre Ferdinand de Saussure, de ce que par son enseignement elle soit maintenant inscrite au fondement des sciences humaines.» (Écrits, 467)

No entanto, ao centrar a cientificidade no estatuto de sujeito, a distinção entre ciências humanas e exactas cai por terra:

«Il n'y a pas de science de l'homme, parce que l'homme de la science n'existe pas, mais seulement son sujet.

On sait ma répugnance de toujours pour l'appellation de sciences humaines, qui me semble être l'appel même de la servitude.» (Écrits, 859)

O estatuto paritário das ciências exactas e humanas é justificado em «La science et la vérité» por ambas terem adquirido características mútuas: «La conjecture est susceptible d'un calcul exact (probabilité) et l'exactitude ne se fonde que dans un formalisme séparant axiome et lois de groupement des symboles» (Écrits, 863).

Assim, não são os métodos que podem retirar à psicanálise o seu estatuto de ciência. A determinação da posição da psicanálise dentro ou fora da ciência prende-se com o seu objecto. Para tal, afigura-se como fulcral para a definição do objecto a abertura do sujeito para captar o que apreende da verdade.

Lacan estabelece que a cientificidade da psicanálise deriva da definição de um objecto específico, sem o qual a ciência não existe. Contrariamente às ambiguidades freudianas relativamente a esse tópico, para Lacan «the sole object of psychoanalysis is the symbolic effect of language on the mind (...)» (Leupin, 2004, xxvi introduction).

Em consequência, a compreensão da dimensão simbólica da linguagem abre o caminho para os efeitos do inconsciente:

«As Freud sometimes (but not always) showed, and as Lacan fully demonstrated, any inquiry into human sexuality has to concentrate on its symbolic aspects. Conversely, it is only

fitting and coherent that psychoanalysis's contributions to physiology, neurology, and biology should be nil. Psychoanalysis doesn't have the arrogance of going beyond the precise limits of its object. » (Leupin, 2004, xxviii introduction)

A distinção entre as ciências exactas e as ciências humanas pode ser dissipada se se fizer apelo a algum rigor científico para as humanidades e a estrutura do sujeito, e conseguir apreender os processos do inconsciente que Lacan formalizou em “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”. De facto, ao traduzir os processos da linguagem do inconsciente em algoritmos, Lacan não só confere um estatuto científico à psicanálise como também mais latamente equipara as ciências exactas e as ciências humanas.

Noutra abordagem, a compatibilidade das ciências humanas e exactas reside na articulação entre o saber e a verdade, que assenta numa falha que deriva da impossibilidade de totalização do saber sobre a verdade, à qual as duas estão sujeitas:

«Si pourtant l’histoire de la Science à son entrée dans le monde, nous est encore assez brûlante pour que sachions qu’à cette frontière quelque chose alors a bougé, c’est peut-être là que la psychanalyse se signale de représenter un nouveau séisme à y survenir.

Car reprenons de ce biais le service que nous attendons de la phénoménologie de Hegel. C’est d’y marquer une solution idéale, celle, si l’on peut dire, d’un révisionisme permanent, où la vérité est en résorption constante dans ce qu’elle a de perturbant, n’étant en elle-même que ce qui manque à la réalisation d’un savoir.» (Écrits, 797)

Por outro lado, as ciências exactas detêm algumas proposições fundamentais que carecem de demonstração. À falta da comprovação experimental, os cientistas vêem-se obrigados a uma decisão arbitrária ou recorrer a outros campos do saber:

«Nous indiquerons plus tard comment se situe la logique moderne (...). Elle est incontestablement la conséquence strictement déterminée d’une tentative de suturer le sujet de la science, et le dernier théorème de Gödel montre qu’elle échoue, ce qui veut dire que le sujet en question reste le corrélat de la science, mais un corrélat antinomique puisque la science s’avère définie par la non-issue de l’effort pour le suturer.» (Écrits, 861)

Demonstra-se, assim, que o sujeito da ciência não pode ser totalizador devido à arbitrariedade das decisões ou à falta de unidade do seu campo de saber. Deste modo, o sujeito da ciência não pode ser suturado inteiramente numa lógica racional:

«Consequently, there is a hole in the field of science that prevents its rational totalization. The theorem of incompleteness not only makes mathematics incomplete in principle, it makes the scientific totalization of the subject of science (of the unconscious) impossible. » (Leupin, 2004, 54)

No campo analítico, dizer *a verdade sobre a verdade* implica constatar, primeiro, que aquela *fala* unicamente através da linguagem do inconsciente, e que, segundo, o saber que daí advém só pode ser parcial e contingente. A cada verdade corresponde um saber parcial e contingente :

«Faut-il dire que nous avons à connaître d'autres savoirs que de celui de la science, quand nous avons à traiter de la pulsion épistémologique ?

Et revenir encore sur ce dont il s'agit : c'est d'admettre qu'il nous faille renoncer dans la psychanalyse à ce qu'à chaque vérité réponde son savoir ? Cela est le point de rupture par où nous dépendons de l'avènement de la science. Nous n'avons plus pour les conjoindre que ce sujet de la science.» (Écrits, 868)

O raciocínio de Lacan aparenta desembocar num impasse epistemológico enunciado através da expressão “point de rupture”.

À doutrina lacaniana não interessa ascender à verdade, porque a psicanálise se constrói em verdades individuais das quais é necessário encontrar a cura. Assim, as construções teóricas cedem espaço às considerações pragmáticas. O relativismo que emerge da enunciação dos princípios anteriores obriga a preservar uma consistência da doutrina que advém de outros parâmetros:

«A coherent doctrine is, however, indispensable in order to deal with questions about truth, desire, and sexuality without falling into subjectivity and impressionism; if a statement has some general validity, then it cannot be considered a mere opinion. (Leupin, 2004, xviii introduction)

A divergência entre saber e verdade no campo da psicanálise acentua a necessidade de estabelecer entre as duas um traço de união com a assunção do sujeito da ciência.

Para a praxis da psicanálise, a verdade como causa (que fala) age. Este aspecto é vedado à ciência. Outra distinção relativamente à ciência reside na falta de memória desta : depois de constituída, a ciência apaga os trâmites que a geraram. Ao contrário, a dimensão da memória é hiperbolizada no exercício da psicanálise.

Por outro lado, Lacan identifica o “drama subjectivo” como possível causador de distúrbios para as ciências exactas, quando a subjectividade é factor determinante para a psicanálise por constituir um aspecto fulcral da pessoa que sofre e que pode encontrar na magia e religião um saber que está contra a verdade para a ciência:

«Magie et religion, les deux positions de cet ordre qui se distinguent de la science, au point qu'on a pu les situer par rapport à la science, comme fausse ou moindre science pour la magie, comme outrepassant ses limites, voire en conflit de vérité avec la science pour la seconde: il faut le dire pour le sujet de la science, l'une et l'autre ne sont qu'ombres, mais non pour le sujet souffrant auquel nous avons affaire.» (Écrits, 870)

As práticas mágicas são associadas a sombras que devem ser exorcizadas pela análise, porque a prática científica é reivindicada pela psicanálise sob a relação de significantes que estruturam uma linguagem:

«Je conclus sur deux points à retenir votre écoute: la magie, c'est la vérité comme cause sous son aspect de cause efficiente.

Le savoir s'y caractérise non pas seulement de rester voilé pour le sujet de la science, mais de se dissimuler comme tel, tant dans la tradition opératoire que dans son acte. C'est une condition de la magie.» (Écrits, 871)

O sujeito da religião é diferente. Na óptica da análise do sujeito da ciência, a verdade como causa está em Deus e o sujeito da religião corta o seu próprio acesso à verdade:

«Disons que le religieux laisse à Dieu la charge de la cause, mais qu'il coupe là son propre accès à la vérité. Aussi est-il amené à remettre à Dieu la cause de son désir, ce qui est proprement l'objet du sacrifice. Sa demande est soumise au désir supposé d'un Dieu qu'il faut dès lors séduire. Et le jeu de l'amour entre par là.

Le religieux installe ainsi la vérité en un statut de culpabilité. Il en résulte une méfiance à l'endroit du savoir, d'autant plus sensibles dans les Pères de l'Église, qu'ils se démontrent plus dominants en matière de raison. (Écrits, 872)

Se alguma dúvidas subsistisse sobre a negação do sujeito da religião para a idoneidade da prática analítica, Lacan esclarece que “nous n'avons à répondre d'aucune vérité dernière, spécialement ni pour ni contre aucune religion.” (Écrits, 818)

Se o sujeito freudiano é um ser de letra, o estatuto de ciência para a psicanálise funda-se na letra que realiza o sujeito pelo qual qualquer ciência existe. Ao derivar o sujeito da psicanálise da estrutura da linguagem, o tema da letra relaciona-se com a epistemologia da psicanálise, na medida em que Lacan estabelece um corte com a Antiguidade, porque não há pensamento sem palavras:

«Lacan here makes a definitive break with the conception Greek antiquity had of a soul (*anima*) deprived of language and preexisting its expression in a discourse. If the objects of psychoanalysis are signifiers, then the “unconscious is structured like a language” and the means of inquiry have to be adapted to this linguistic object. » (Leupin, 2004, xxvi introduction)

Em consequência, não podem ser transferidos processos neurológicos ou fisiológicos para a psicanálise. O discurso analítico funda-se na capacidade humana para a simbolização e esse espaço é essencialmente linguístico. É assim se justificara a necessidade dos empréstimos lacanianos àquela ciência.

Com base na premissa que uma proposição própria da ciência moderna só pode ser refutada quando é logicamente contraditória ou invalidada por uma observação, conclui-se necessariamente que uma proposição contingente é refutável, tal como a ciência que a suporta.

Este princípio moderno da contingência da ciência é comum à contingência da letra moderna enunciada por Mallarmé:

«En vérité, si l'on admet que le propre de la lettre moderne consiste à saisir le contingent en tant que contingent, la première devise de l'âge de la science s'énonce : jamais aucune lettre n'abolira le hasard. Et la seconde énonce : toute lettre est un coup de dés.

La lettre est comme elle est, sans aucune raison qui la fasse être comme elle est ; du même coup, il n'y a pas de raison pour qu'elle soit autre qu'elle est qu'elle n'est. Et si elle était autre qu'elle n'est, elle serait seulement une autre lettre. En vérité, dès l'instant qu'elle est, elle

demeure et ne change pas (...). Tout au plus un discours peut-il, non pas la changer, mais changer de lettre.» (Milner, 1995, 62)

Este extracto sublinha o carácter imutável da letra, não obstante ser contingente, na medida em que capta ou estabiliza o variável de que o universo é feito.





### 3. CONCLUSÃO

O texto *L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud*, em *Écrits*, é crucial para perspectivar o tema da letra em Lacan. De facto, este escrito confirma a pertinência da palavra para a prática analítica por assumir que a condição de linguagem do inconsciente toma forma sob a instância da letra. Importa, porém, sublinhar que a letra é associada, ao longo dos *Écrits*, a uma unidade mínima significante que adquire valor por se articular, numa perspectiva estruturalista, com outros elementos da cadeia significante.

Assim, a instância da letra configura a descoberta do inconsciente por constituir os elementos formais de uma linguagem susceptível de ser decifrada cientificamente desde que foi estabelecida pela linguística a distinção entre significante e significado, o que emancipou o signo da sua função referencial.

Para a psicanálise, a arbitrariedade entre o significante e o significado deriva da intervenção do inconsciente que fala através do deslocamento ou substituição de significantes, processos nos quais o sujeito é efeito da linguagem que é o inconsciente.

Deste modo, desenha-se uma excentricidade do sujeito alicerçada na instância da letra que se articula na estrutura da linguagem. Dado que o sujeito é primacialmente relação na cadeia significante – é um significante para outro significante – tem em consequência um carácter radicalmente inessencial, é um ser de letra, um sujeito da linguagem, esvaziado de substância psicológica, tal como o institui o *cogito* cartesiano no momento da dúvida metódica. Esta articulação confere uma validação científica ao estatuto do sujeito, objecto da psicanálise, que se vê, pela mesma ocasião, granjear a sua legitimidade de ciência.



# **A ESTÂNCIA DA LETRA**



# 1. DO GOZO *FALOCIOSO* <sup>(1)</sup>

## 1.1. O *Segundo Classicismo* de Lacan

Para uma compreensão cabal do tema da letra na obra de Lacan, não se pode descurar o contributo de Milner que distinguiu duas fases na obra de Lacan: o *primeiro classicismo* e *segundo classicismo*. De facto, na primeira fase que corresponde à redacção dos *Écrits*, Milner destaca a *colagem* de Lacan ao estruturalismo: trata-se de um Lacan que partilha do ideal de ciência baseado na matematização da realidade. Nesta perspectiva, considera-se que um dado é relevante cientificamente se for devidamente medido e esta norma é generalizável às ciências humanas com as necessárias adaptações: as perspectivas quantitativas e qualitativas dissolvem-se sob os efeitos de uma literalização global:

«Il s'agit bien d'un *galiléisme étendu*. plus extensif que le premier, mais aussi plus rigoureux, puisqu'il s'autorise d'une mathématique enfin menée à son littéralisme absolu. La linguistique, réputée science accomplie, ne compte que pour autant qu'elle propose une mathématique. Le Lacan linguiste est de fait un Lacan mathématicien.» (Milner, 1995, 97)

O *primeiro classicismo* tem por base os *Écrits* que são uma extensão da conferência de Roma mas o edifício que Milner denomina como *primeiro classicismo* é instável.

Assim, em 1970, o processo de transformação está encetado e outra fase (o *segundo classicismo*) tem início:

«En prenant le premier classicisme pour origine, on peut cependant déceler des déplacements, des suppressions et des adjonctions, dont la somme se révèle cohérente et dessine la configuration nouvelle.» (Milner, 1995, 121)

De facto, Lacan prolonga uma teoria com um fundamento único, já anunciada no *primeiro classicismo* lacaniano : a literalização. Nessa primeira fase, Lacan apoiava-se no ensejo da ciência moderna que concebe a natureza como um livro que carece de ser lido com caracteres matemáticos, e, nesse sentido, a descoberta

---

(1) Com este neologismo, pretendo valorizar a importância do falo para a falácia do gozo (cf. II, 1.4.). Tal perspectiva lacaniana é a chave da segunda parte desta dissertação.

da edição impressa geometrizou a forma das letras, o que confirmou uma busca de precisão da letra que impera na matematização, mas que não é atingido. Deste modo, é lícito asseverar que as ciências da letra correspondem também ao ideal moderno de ciência se estiver em jogo o critério da precisão. Assim, as ciências literais como as ciências exactas pugnam por um ideal de precisão.

No entanto, na segunda fase, a noção de matematização entendida como literalização não quantitativa sofre uma evolução por causa da noção de letra que carece de precisão: em “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”, as noções de letra e literalidade recobrem os termos de significante reciprocamente, e assim o carácter de letra e de significante carecem de clareza relativamente à matemática – «Du même coup, affirmer que la mathématisation est littéralisation, cela n’est ni clair ni distinct.» (Milner, 1995, 119). Noutro campo, a linguística evoluiu desde o tempo do discurso de Roma em que imperava a linguística estrutural como arquitectura completa. Nos anos setenta, a linguística, por um lado, estilhaçou-se com a associação a outras disciplinas (sociolinguística, neurolinguística, etc.), e, sem renegar o ascendente estruturalista (funcionalismo, distribucionalismo, gerativismo, etc.) enveredou, por outro lado, por uma concepção em que a linguagem é valorizada na sua componente de enunciação. Assim, se era possível, na primeira fase, o eclectismo da psicanálise com a linguística; na fase posterior, tal junção é reconsiderada.

Assim, enquanto no *primeiro classicismo*, a letra *cola* ao significante; com o *Séminaire XX*, os dois conceitos *descolam-se*. No *primeiro classicismo*, é determinante asseverar que a principal característica do significante é a sua natureza relacional. A diferença significante é anterior a qualquer qualidade e sendo só relação de diferença, não tem positividade, i.e., não tem identidade à qual se possa ligar; antes se define pelo seu lugar no sistema – é impossível deslocá-lo sem o alterar. Não pode ser destruído, nem manipulado, dado existir unicamente na relação com outro significante. Não transmite nada, representa, no ponto da cadeia em que se situa, o sujeito para outro significante. É contingente (Lacan) ou arbitrário (Saussure), não tem identidade própria e não é reflexivo.

Por seu lado, a letra tem uma positividade por ser qualificada: tem fisionomia, suporte sensível: «La lettre, ça se lit. Ça semble même être fait dans le prolongement du mot. Ça se lit et littéralement.» (Séminaire XX, 29)

A letra no discurso onde toma lugar é idêntica a si própria e, por isso, pode ser manipulada e mudar de lugar. Granjeia uma materialidade que permite a sua transmissibilidade que é um dos paradigmas da matemática segundo a ciência moderna. Por ser transmissível, enuncia um discurso de que ela é o suporte e tem um carácter reflexivo:

«La lettre au contraire relève toujours d'une déclaration ; en ce sens, elle a toujours une raison d'être ce qu'elle est, si même cette raison est une pure et simple décision ; c'est pourquoi elle ressortit toujours à un discours (...) ; elle n'est rien sans les règles qui contraignent son maniement, mais ces règles étant données, chaque lettre est ce qu'elle est, comme elle est ; la réflexivité lui est permise ; elle a un soi.

Mais tout ce qui concerne la lettre se dira dans un vocabulaire de la rencontre, du coinçage, du contact, de l'entre-deux. Ces vocabulaires sont multiples : la géométrie de la ligne, la topologie, la logique des quantificateurs ont pu servir tour à tour. Elles ont servi notamment à articuler la doctrine du mathème, en tant précisément que le mathème ressortit à la lettre. (Milner, 1995, 129/130)

De facto, o surgimento de uma doutrina específica do matema mudou a relação de Lacan à matemática e, pela mesma ocasião, à matematização.

Com base nas premissas que um *matema* garante a transmissibilidade de um saber e que se conforma com o paradigma matemático porque a ciência moderna confia na matemática como paradigma da transmissibilidade integral, Lacan quer garantir para a psicanálise a legitimidade científica das outras ciências modernas.

## 1.2. A letra do gozo

No *primeiro classicismo*, a instância da letra era entendida como supremacia da cadeia significante que se inseria numa estrutura em que cada uma das unidades mínimas se articulava segundo uma ordem fechada. No *segundo classicismo*, a instância da letra transforma-se em estância no sentido em que a sua materialidade redescoberta vem encorpar o furo sulcado pelo gozo no saber. Assim, a instância da letra como razão do inconsciente não pode ficar letra morta porque a sua mediação entre o gozo e o saber é indispensável. A condição mediadora da letra equipara-se a uma estância em que não existe reciprocidade com os territórios adjacentes. No texto *Lituraterre*, a letra constitui-se como extremidade, como furo no saber, forma literal a fundar no litoral: a letra, entre o gozo e o saber, estabelecerá o litoral:

«La lettre n'est-elle pas ... littorale plus proprement, soit figurant qu'un domaine tout entier fait pour l'autre frontière, de ce qu'ils sont étrangers, jusqu'à n'être pas réciproques?

Le bord du trou dans le savoir, voilà-t-il pas ce qu'elle dessine. Et comment la psychanalyse, si, justement ce que la lettre dit «à la lettre» par sa bouche, il ne lui fallait pas le méconnaître, comment pourrait-elle nier qu'il soit, ce trou, de ce qu'à le combler, elle recoure à y invoquer la jouissance ?

Reste à savoir comment l'inconscient que je dis être effet de langage, de ce qu'il en suppose la structure comme nécessaire et suffisante, commande cette fonction de la lettre.» (Autres Écrits, 14)

É determinante, no entanto, insistir em distinguir a letra do significante no sentido em que o inconsciente deriva dos seus efeitos:

«Ce que j'ai inscrit, à l'aide des lettres, des formations de l'inconscient pour les récupérer de ce dont Freud les formule, à être ce qu'elles sont, des effets de signifiant, n'autorise pas à faire de la lettre un signifiant, ni à l'affecter, qui plus est, d'une primarité au regard du signifiant.» (Autres Écrits, 14)

Assim, o carácter da letra não é primário mas não deixa de produzir uma consequência necessária que advém de ser linguagem: ser habitada por quem fala.

A propósito de uma viagem efectuada ao extremo oriente, Lacan alude o sobrevoo da Sibéria, república fortemente controlada pelo sistema soviético contra incursões estrangeiras. A conjuntura histórica obriga a um voo alto que proporciona a imagem de sulcos traçados pelos riachos, paisagem alegórica que Lacan põe ao serviço da ilustração que quer fazer da condição litoral da letra.

Esse território é calcorreado por fios de água que são equiparáveis a rasuras na busca da letra de um traço antes inexistente.

Para Ram Mandil, esse é o fito idealizado de qualquer escrevente, é uma experiência que conduz aos limites da linguagem: desvendar a letra pura. Nessa terra de *lituras* puras, a letra aflora o objecto. A dimensão litoral da letra enunciada por Lacan representa, a seu jeito, uma arte poética:

«A rasura poderia, assim, ver-se incluída em um projecto de “bem-escrever”. Mas, ao indicar que a letra é a rasura “de nenhum traço que lhe antecede”, Lacan conjuga a tentativa de encontrar a palavra que mais se aproxime daquilo que busca expressar – a palavra mais próxima da coisa” – com a ausência de um traço fundador, primeiro, por meio do qual o sujeito sentir-se-ia plenamente identificado ou designado. O exercício de aproximação implicado na



rasura leva, inevitavelmente, aos limites da linguagem e, por que não dizer, do próprio simbólico» (Mandil, 2003, 50)

A letra pode ser aparelhada ao real num exercício de identificação.

Esse desígnio do escrito justifica a existência do sujeito que, entre saber e gozo, caminha pelo mesmo desfiladeiro no sentido do literal virar litoral.

No entanto, de regresso às estepes siberianas, a origem dos sulcos reside nas nuvens em suspensão, matéria significativa, semblante do que há-de vir por certo, por ruptura em aguaceiros, engrossar os riachos. A precipitação que dissolve os semblantes procurará com o gozo que a gerou traçar um sulco no real:

«Ce qui de jouissance à ce que se rompe un semblant, voilà ce qui dans le réel se présente comme ravinement.

C'est du même effet que l'écriture est dans le réel le ravinement du signifié, ce qui a plu du semblant en tant qu'il fait le signifiant. Elle ne décalque pas celui-ci, mais ses effets de langue, ce qui s'en forge par qui la parle. Elle n'y remonte qu'à y prendre nom, comme il arrive à ces effets parmi les choses que dénomme la batterie signifiante pour les avoir dénombrées.» (Autres Écrits, 17)

Pode-se inferir que os termos do primeiro classicismo lacaniano são reinvestidos sob outro prisma: enquanto que o significante é associado ao semblante, a letra descola do significante e cola ao real.

Na mesma medida, a escrita tem por efeito no real ser o significado por quem a fala na proporção em que o gozo, com intervenção inevitável do Outro, precipitou um semblante em significante:

«Non bien entendu que le signifiant s'ancre (ni s'encre) dans la chatouille (...), mais qu'il la permette entre autres traits dont se signifie la jouissance et dont c'est le problème que de savoir ce qui s'en satisfait.

Que sous ce qui s'inscrit glisse la passion du signifiant, il faut la dire : jouissance de l'Autre, parce qu'à ce qu'elle soit ravie d'un corps, il en devient le lieu de l'Autre.» (Autres Écrits, 418)

Pelo motivo que advém do Outro, não há metalinguagem, a escrita pode ser caracterizada pela sua natureza material ao constituir um discurso que reverte exclusivamente do litoral e é emancipado do semblante:

«C'est du même effet que l'écriture est dans le réel le ravinement du signifié, ce qui a plu du semblant en tant qu'il fait le signifiant. Elle ne décalque pas celui-ci, mais ses effets de langue, ce qui s'en forge par qui la parle.» (Autres Écrits, 17)

Ram Mandil destaca a perspectiva de Lacan quando, em *Lituraterre*, liberta a letra do conteúdo que transporta:

«Nesse aspecto, é possível perceber que a emergência da letra para o primeiro plano se faz à medida que se produz um apagamento da mensagem, na proporção em que se turvam os efeitos significantes da **lettre**, fazendo surgir, à margem do conteúdo que a letra transporta, uma materialidade desconectada de qualquer sentido.» (Mandil, 2003, 47)

Em conformidade, a letra tem duas dimensões: uma significante susceptível de gerar sentido e uma material independente do sentido veiculado.

As vanguardas literárias alinharam pelo propósito de manipular exclusivamente a materialidade da linguagem sem outro suporte:

«Là est la question qui ne se propose que de la littérature dite d'avant-garde, laquelle est elle-même fait de littoral : et donc ne se soutient pas du semblant, mais pour autant ne prouve rien que la cassure, que seul un discours peut produire, avec effet de production.» (Autres Écrits, 18)

O propósito enunciado para a literatura também é válido para o discurso lacaniano no sentido de *lituraterri*: a letra é escória do significante correndo para o rio do significado, *a letter, a litter*, constitui-se como sulco da realidade escavado pelo gozo. Se, na escrita, a feição da letra apoia o significante segundo a sua própria lei de metáfora; no discurso, o significante embrenha a letra nas malhas do semblante, - «C'est la lettre comme telle qui fait appui au signifiant selon sa loi de métaphore. C'est d'ailleurs : du discours, qu'il la prend au filet du semblant.» (Autres Écrits, 19)

Qualquer efeito de discurso sustenta-se na concretização da letra, unidade mínima de um alfabeto sobre o qual construímos um discurso que condiciona a visão do mundo. Como tal, é possível melhorar a linguagem, que serve de vaso para o conhecimento, se se manipular a própria escrita.

É o propósito de Joyce que, com sua escrita difícil, recheia o significado de significante. Esta manipulação da escrita revela-se enigmática ao ler-se.

Neste aspecto, é legítimo estabelecer-se o paralelismo com o discurso analítico que, na leitura do lapso pela sua natureza sincopada e elíptica, lê parceladamente, multiplica as interpretações ou não lê nada.

A lição deste paralelismo do discurso analítico com a legibilidade da letra é que o enunciado do significante exige outra leitura que aquela que ele significa porque a letra é sempre efeito do discurso do Outro. A leitura que se procura impor ao discurso do Outro diverge da escrita que é possível fazer com o suporte elíptico ou sincopado que representa o lapso:

«Dans votre discours analytique, le sujet de l'inconscient, vous le supposez savoir lire. Et ça n'est rien d'autre, votre histoire de l'inconscient. Non seulement vous le supposez savoir lire, mais vous le supposez apprendre à lire.

Seulement ce que vous lui apprenez à lire n'a alors absolument rien à faire, en aucun cas, avec ce que vous pouvez en écrire.» (Séminaire XX, 38)

### **1.3. A promoção do escrito**

De facto, o artigo *Lituraterre* marca uma viragem no ensino de Lacan no sentido em que há uma deslocação do seu interesse orientado para promoção do escrito.

O interesse pelo escrito já fora enunciado antes porque na comunicação “La fonction de l'écrit”, publicada no *Séminaire XX*. Lacan equaciona a importância da letra para o discurso analítico como o que não deixa de se ler:

« Mais ce n'est justement pas la même chose de lire une lettre ou bien de lire. Il est bien évident que, dans le discours analytique, il ne s'agit que de ça, de ce qui se lit, de ce qui se lit au-delà de ce que vous avez incité le sujet à dire, qui n'est pas tellement, comme je l'ai souligné la dernière fois, de tout dire que de dire n'importe quoi, sans hésiter à dire des bêtises.” (Séminaire XX, 29).

Para a psicanálise, ler significa perscrutar para além de tudo o que o sujeito diz, para além das palavras como elementos constitutivos de sentido. Assim, «Ler literalmente» é uma expressão consagrada que Lacan retoma para ser torneada em função da importância que a letra como suporte significante adquire no seu pensamento.

Em *Lituraterre*, Lacan parte da escrita joyciana, pela valorização que faz dos sentidos decorrentes da manipulação do significante, como elemento susceptível de auxiliar o discurso analítico a deduzir sentidos

derivados do sujeito inconsciente. Ram Mandil, em *Os efeitos da letra*, situa o artigo de Lacan do modo seguinte:

«(...) No contexto das elaborações contínuas de Lacan em torno da letra, na perspectiva de que esse elemento da linguagem pudesse orientar a elaboração de aspectos cruciais da experiência analítica. Subordinada até então ao campo da fala, à ordem significante, a *lettre* se torna uma referência central nesse período do ensino de Lacan, no qual se verifica uma promoção do escrito em relação a todas as demais considerações sobre o campo da linguagem.» (Mandil, 2003, 46)

A fase da promoção do escrito corresponde ao segundo classicismo de Lacan tal como Milner o definiu. Se consideramos o título maior da obra de Lacan, *Écrits*, aparentemente esta promoção do escrito afigura-se rebarbativa; porém, o título tem globalmente um cunho irónico por se tratarem, na realidade, de conferências em congressos, sem descurar, em abono de justificação do título, a importância das peripécias de uma letra à entrada da colectânea, com “Le séminaire sur “La lettre volée”.

### **1.4. A imperativo de gozo e a estância da letra**

Convém, antes de continuar a dissertação, explicar que a ênfase conferida por Lacan à letra em detrimento do significante tem as suas raízes, como já foi referido, no *Séminaire XX* em que Lacan revê as premissas essenciais do seu *primeiro classicismo*, segundo a terminologia de Milner, à luz da noção de gozo. Esta valorização vai levá-lo a precisar de forma radical que o objecto da psicanálise é o gozo. Assim, Lacan, em forma de comparação, estabelece que o discurso analítico versa sobre o gozo:

«Rien ne force personne à jouir, sauf le surmoi. Le surmoi, c'est l'impératif de la jouissance – Jouis !] C'est bien là que se trouve le point tournant qu'interroge le discours analytique. (Séminaire XX, 10)

Porém, através da asserção de que o gozo do corpo que simboliza o Outro não é o signo do amor, Lacan esclarece que do mesmo modo que os outros sentimentos, o amor revela-se e é sempre recíproco, e daí advém a invenção do inconsciente para acentuar que o desejo do homem é desejo do Outro e que o amor, se pode ser uma paixão ignorante do desejo, não deixa de envolver o desejo:

«C'est même pour ça qu'on a inventé l'inconscient – pour s'apercevoir que le désir de l'homme, c'est le désir de l'Autre, et que l'amour, si c'est là une passion qui peut être l'ignorance du désir, ne lui laisse pas moins toute sa portée. Quand on y regarde de plus près, on en voit les ravages.» (Séminaire XX, 11)

De facto, o gozo do corpo é um pedido insaciável, porque a resposta é não-necessária e não-suficiente e o amor pede ainda e sempre o amor para mascarar a falha do desejo. Para ilustrar verbalmente essa noção, Lacan socorre-se do advérbio *Ainda*, para representar a falha. Trata-se do mesmo advérbio que reutiliza na elaboração do título do *Séminaire XX, Encore*:

«Ce qui fait tenir l'image, c'est un reste. L'analyse démontre que l'amour dans son essence est narcissique, et dénonce que la substance du prétendu objectal – baratin – est en fait ce qui, dans le désir, est reste, à savoir sa cause, et le soutien de son insatisfaction, voire de son impossibilité.» (Séminaire XX, 12).

Neste contexto, o gozo falha ainda e sempre por ser insaciável e por responder a um pedido metonímico, logo parcial, que é o do desejo.

Ora, a explicação analítica pela qual o gozo falha prende-se com o facto que, para o homem, o sexo da mulher é indiferente, a não ser pelo intermédio do gozo do corpo, porque o homem é detentor do órgão fálico. De modo que tudo gira à volta do gozo fálico na medida em que, para o homem, o falo constitui um obstáculo para gozar do corpo da mulher, porque o gozo é do órgão:

«C'est ce que le discours analytique démontre, en ceci que, pour un de ces êtres comme sexués, pour l'homme en tant qu'il est pourvu de l'organe dit phallique – j'ai dit dit -, le sexe corporel, le sexe de la femme – j'ai dit de la femme, alors que, justement, il n'y a pas la femme, la femme n'est pas toute – le sexe de la femme ne lui dit rien, si ce n'est par l'intermédiaire de la jouissance du corps.»

Je vais un peu plus loin – la jouissance phallique est l'obstacle par quoi l'homme n'arrive pas, dirai-je, à jouir du corps de la femme, précisément parce que ce dont il jouit, c'est de la jouissance de l'organe. (Séminaire XX, 13)

Por isso, o Outro manda gozar mas também correlativamente castra porque é um sinal que provém sempre do gozo do Outro, do corpo como símbolo do Outro. Determina-se assim a figura de uma

impossibilidade do gozo que é crucial por ser infinitamente insaciável conforme a alegoria do infinito perspectivado pelo paradoxo de Zenão:

«Quand Achille a fait son pas, tiré son coup auprès de Briséis, celle-ci telle la tortue a avancé d'un peu, parce qu'elle n'est *pas toute*, pas toute à lui. Il en reste. Et il faut qu'Achille fasse le second pas, et ainsi de suite.» (Séminaire XX, 13)

Em conformidade, existe um paralelismo entre Aquiles e a tartaruga e o gozar de um dos seres sexuais. A mulher é *pas toute* : não é toda do Aquiles que a “conheceu”. É preciso que Aquiles dê o segundo passo e ela também. Falta sempre alguma coisa até ao infinito tanto para um como para o outro. No entanto, os gozos masculino e feminino não são simétricos.

Para o masculino, o gozo sexual está marcado por essa falha inviável que constitui o gozo fálico. Para o feminino, realiza-se o caminho conducente a um impasse que enforma uma topologia que equivale de facto a uma estrutura. Nesse lugar heterogéneo onde está também o Outro, de um sexo como Outro, Outro absoluto, gera-se uma geometria do espaço apoiada na noção de compacidade.

Paradoxalmente, nada há mais compacto que uma falha, no pressuposto que concentra um número infinito de conjuntos, é uma intersecção que implica um número infinito. Esta intersecção obstaculiza, na acepção do discurso analítico, a suposta relação sexual e é o motivo pelo qual o discurso analítico se apoia no enunciado que não há, que é impossível haver relação sexual:

«Cette intersection dont je parle est celle que j'ai avancée tout à l'heure comme étant ce qui couvre, ce qui fait obstacle au rapport sexuel supposé.

«Seulement supposé, puisque j'énonce que le discours analytique ne se soutient que de l'énoncé qu'il n'y a pas, qu'il est impossible de poser le rapport sexuel. C'est en cela que tient l'avancée du discours analytique, et c'est de par là qu'il détermine ce qu'il en est réellement du statut de tous les autres discours.» (Séminaire XX, 14)

Assim, o gozo masculino falha por não haver relação sexual enquanto que o feminino é *pas-tout* por girar à volta de um pólo ausente:

«On la refoule, ladite jouissance, parce qu'il ne convient pas qu'elle soit dite, et ceci pour la raison justement que le dire n'en peut être que ceci – comme jouissance, elle ne convient pas. Je l'ai déjà avancé tout à l'heure par ce biais qu'elle n'est pas celle qu'il faut, mais celle qu'il ne faut pas. » (Séminaire XX, 57)

Assim, o gozo não se cala e o primeiro efeito do recalçamento é que o gozo fala de outra coisa. Nisto reside o segredo da metáfora porque o gozo imiscui-se por interposição do recalçamento e acaba por ser diferido pela capacidade metafórica da linguagem:

«C'est bien pour cela qu'elle fait mieux de se taire, avec le résultat que ça rend l'absence même du rapport sexuel encore un peu plus lourde. Et c'est bien pour ça qu'en fin de compte, elle ne se tait pas et que le premier effet du refoulement, c'est qu'elle parle d'autre chose. C'est bien ce qui fait de la métaphore le ressort.» (Séminaire XX, 57)

O outro gozo depende de satisfação que tem por suporte a linguagem em virtude do inconsciente ser uma linguagem.

Ao afirmar que, nos seres falantes, o gozo está aparelhado à linguagem, Lacan compromete a linguagem como um instrumento de gozo. Porém, o gozo é o que falha e por isso, em última análise, a realidade é abordada com os instrumentos do gozo.

Dado que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, infere-se que o gozo como falha é globalmente o núcleo do discurso analítico. É uma instância recalçada e é inevitável associar essa linguagem à instância do gozo. De facto, o gozo está sempre em falta e para que seja gozo, tem de claudicar, logo, segundo Lacan, não pode decorrer dos universais como pretende Aristóteles porque:

«(...) La jouissance se réfère centralement à celle-là qu'il ne faut pas, qu'il ne faudrait pas pour qu'il y ait du rapport sexuel, et y reste tout entière accrochée. Eh bien, ce qui surgit sous l'épingle dont le désigne Aristote, c'est très exactement ce que l'expérience analytique nous permet de repérer comme étant, d'au moins un côté de l'identification sexuelle, du côté mâle, l'objet -, l'objet qui se met à la place de ce qui, de l'Autre, ne saurait être aperçu. C'est pour autant que l'objet *a* joue quelque part – et d'un départ, d'un seul, du mâle – le rôle de ce qui vient à la place du partenaire manquant, que se constitue ce que nous avons l'usage de voir surgir aussi à la place du réel, à savoir le fantasme.» (Séminaire XX, 58)

O gozo masculino tem por referência o objecto *a* que não deve faltar para que haja relação sexual e que assume a função de parceiro ausente que preenche o lugar do real – o fantasma.

Do lado da mulher, é outra coisa que não o objecto *a* que supre a inexistência de relação sexual:

«Il y a une jouissance, puisque nous nous en tenons à la jouissance, jouissance du corps, qui est, si je puis m'exprimer ainsi (...) *au-delà du phallus*.

Il y a une jouissance à elle, à cette *elle* qui n'existe pas et ne signifie rien. Il y a une jouissance à elle dont peut-être elle-même ne sait rien, sinon qu'elle l'éprouve.» (Séminaire XX, 69)

Noutro trecho do mesmo *Seminário XX*, “A Jakobson”, Lacan afasta uma compreensão somática da sua máxima e valoriza antes no gozo do corpo um símbolo do gozo do Outro. Assim, para o discurso analítico, um corpo existe porque se pode gozar e só pode ser gozado se for de maneira significante. Esta constatação implica que nunca se goza a integralidade do corpo do Outro, só uma parcela num amplexo limitado.

Como a realidade só é apreendida pela linguagem que tem na letra a sua realização, em última análise, aquela (realidade) só se deixa abordar com os aparelhos do gozo. Não se pode, porém, dizer que o gozo é anterior à linguagem.

Segundo Freud, existe um *lust-ich* antes dum *real-ich*. Envereda-se nestes termos por uma concepção do desenvolvimento, um domínio (maîtrise) cognitivo do mundo. Com o exemplo do bébé, comprova-se que a teoria de que aquele não teria nada a ver com *Real-ich*, não tem fundamento.

Quanto à designação de primário e secundário para o processo, não significa que um esteja antes do outro. A percepção do mundo para o bebé está na proporção exacta em que não goza da fala e a condição necessária para a fala é o recalçamento de tal sorte que o processo de *Lust-ich* é provavelmente primário para começar a pensar mas não é o primeiro. Daí que o desenvolvimento cognitivo se correlaciona com o desenvolvimento do domínio da fala.

Por outras palavras, eu sou *m'être* de mim como do universo que é uma flor de retórica. Esta imagem poderá ajudar a entender que o sujeito pode ser também flor de retórica que cresce no vaso do princípio do prazer, chamada por Freud *Lustprinzip*, e por Lacan, *Blablabla*.

O estatuto antecedente do significante em relação ao gozo também é válido para a gestação do significado. A distinção estabelecida pela linguística, que o discurso analítico repescou, tem também utilidade para a compreensão dos efeitos do escrito já que a leitura se concretiza segundo a mesma matriz:

«S'il y a quelque chose qui peut nous introduire à la dimension de l'écrit comme tel, c'est nous apercevoir que le signifié n'a rien à faire avec les oreilles, mais seulement avec la lecture, la lecture de ce qu'on entend de signifiant. Le signifié, ce n'est pas ce qu'on entend. Ce qu'on entend, c'est le signifiant. Le signifié, c'est l'effet du signifiant.» (Autres Écrits, 34)



Para o discurso analítico, o significado *fala por si* interessa sob a forma da *diz-mensão*<sup>(2)</sup> do significante porque, não implicando nenhum significado directo, é realmente o fundamento analítico com o qual se supõe reconhecer a “ingenuidade” (*bêtise*) do discurso do Outro:

«Peut-être que remonter du discours analytique jusqu’à ce qui le conditionne – à savoir cette vérité, la seule qui puisse être incontestable de ce qu’elle n’est pas, qu’il n’y a pas de rapport sexuel – ne permet d’aucune façon de juger de ce qui est ou n’est pas de la bêtise. Et pourtant il ne se peut pas, vu l’expérience, qu’à propos du discours analytique, quelque chose ne soit pas interrogé – ce discours ne se tient-il pas de se supporter de la dimension de la bêtise ?» (Séminaire XX, 17)

Por seu lado, o signo diferencia-se do significante porque o signo não é signo de alguma coisa, é antes efeito, que é o que se supõe enquanto tal do funcionamento do significante. Por outras palavras, retomando a expressão consagrada de que não há fumo sem fogo, se o caso for numa ilha deserta, estamos no direito de pensar que haverá, com base no signo, uma presença humana – o signo não é então o signo de alguma coisa, mas efeito entendido como tal dum funcionamento do significante.

É o princípio do discurso analítico segundo Freud.

Com esta perspectiva, o sujeito do inconsciente não é suposto pensar: é instado a dizer *pas-tout* – não se diz tudo – mas “ingenuidades” - *bêtises*. Estas são as chaves do inconsciente e, sem pensar, se tiram as consequências dos dizeres das pessoas. Não se pode desdizer um dizer e, como o dito é consequência do dizer, há sempre algo significante que pode ser assemelhado a um certo real.

## 1.5. Uma linguisterie para *lalangue*

Ao estabelecer que o gozo surge como furo com *diz-mensão* na palavra, Lacan revê a sua máxima do Outro que não pode deixar de falar nos termos seguintes: “Là où ça parle, ça jouit.”. Este acrescento da instância do gozo associado à fala do Outro traz consigo um saber-fazer do inconsciente que tem efeitos na *lalangue* que deixa um vestígio (*une trace*) na letra. Nesta perspectiva, a estância da letra é determinante para o saber do inconsciente:

---

(2) Proponho esta tradução para o trocadilho lacaniano *dît-mention*.

«Le langage sans doute est fait de lalangue. C'est une élucubration de savoir sur lalangue. Mais l'inconscient est un savoir, un savoir-faire avec lalangue. Et ce qu'on sait faire avec lalangue dépasse de beaucoup ce dont on peut rendre compte au titre du langage.

Lalangue nous affecte d'abord par tout ce qu'elle comporte comme effets qui sont affects. Si l'on peut dire que l'inconscient est structuré comme un langage, c'est en ceci que les effets de lalangue, déjà là comme savoir, vont bien au-delà de tout ce que l'être qui parle est susceptible d'énoncer.» (Séminaire XX, 127)

Se na primeira fase da obra de Lacan baseada nos *Écrits*, os conceitos da linguística com as devidas adaptações ao discurso analítico se entrosavam coerentemente; no “segundo classicismo”, com a centralidade conferida a gozo e as consequências que daí advêm para o conceito de letra, Lacan reformula o campo da linguística em benefício da *linguisterie* com objecto na *lalangue*.

Assim, o inconsciente reside, pelo facto de ser estruturado como uma linguagem, na *lalangue* que se forma dos equívocos que derivam da distinção das várias camadas que se vão sobrepondo. O neologismo *lalangue* escreve-se numa palavra para enfatizar a relação que cada um tem no seu couro privado. A criação do neologismo pretende acentuar que *lalangue* não é a linguagem que o discurso científico elabora, a saber a linguística, para comunicar o referente:

«Lalangue sert à de toutes autres choses qu'à la communication. C'est ce que l'expérience de l'inconscient nous a montré, en tant qu'il est fait de lalangue, cette lalangue dont vous savez que je l'écris en un seul mot, pour désigner ce qui est notre affaire à chacun, lalangue dite maternelle, et pas pour rien dite ainsi.» (Autres Écrits, 126)

Lacan parte da premissa que a linguagem é um meio com que está estruturado o inconsciente e, em consequência, a linguagem não existe sem a função da *lalangue*.

Deste modo, quando se parte da premissa que o inconsciente, para se decifrar, só se pode enunciar como uma linguagem, pressupõe-se que esta última será sempre hipotética quando vista através do seu suporte: a *lalangue*.

Os equívocos de que se alimenta *lalangue* concentram-se numa estrutura, e é essa *linguagem* que interessa à psicanálise, em três pontos nodais enunciados em *L'étourdit*, conferência de Julho de 1972 compilada nos *Autres Écrits*: a homofonia que depende da ortografia e que pode ludibriar o sujeito; a gramática também é uma ferramenta indispensável para a interpretação e, por fim, a lógica, logo que se aceite que o inconsciente é insensível à contradição:

«Je tiens que tous les coups sont là permis pour la raison que quiconque étant à leur portée sans pouvoir s'y reconnaître, ce sont eux qui nous jouent. Sauf à ce que les poètes en fassent calcul et que le psychanalyste s'en serve là où il convient. (Autres Écrits, 491).

É mister, então, esclarecer que o trabalho a nível da *lalangue* perpassa de forma mais evidente com as premissas explanadas anteriormente, na manipulação da letra escrita. E daí se justificar nesta fase a importância conferida ao escrito como forma material da letra susceptível de ser manipulada.



## 2. O SABER DO GOZO

### 2.1. O sujeito suposto saber

A estância da letra enquadra-se na importância atribuída por Lacan ao gozo que falha. Se assim é, pode-se equacionar a impossibilidade do saber para a ciência em geral e a psicanálise em particular. De facto, relativamente à primeira fase lacaniana não mudou a importância do sujeito, mudaram as condições e a qualidade do saber por interferência do gozo que tem expressão na letra.

Na conferência intitulada “La méprise du sujet supposé savoir” apresentada em Nápoles em 1967, Lacan, com o intuito de definir o inconsciente, nega a sua apreensão pela via da metalinguagem, i.e., nega a possibilidade do inconsciente ser constituído como objecto: o inconsciente não pode ser apreendido de forma coerente e isto por admitir asserções simultaneamente válidas e reciprocamente opostas.

Para desvendar as relações entre o inconsciente e o saber, urge insistir, na esteira de Freud, que o discurso inconsciente é lacunar através de uma operação de um “não querer saber”:

«Postular uma oposição ativa contra a memória, um “não querer”, obriga a reconsiderar as relações do inconsciente com o saber, uma vez que tal negação só se justifica se um saber prévio, ainda que desconhecido pelo sujeito, for capaz de indicar a presença de algo a ser evitado.» (Mandil, 2003, 64)

Lacan postula, no capítulo “Une lettre d’Âmour” do *Séminaire XX* que o discurso analítico visa o sentido que também existe no discurso comum, mas como semblante. De facto, o sujeito, ao estar presente no discurso sob forma de representação significante do inconsciente, empreende um discurso de semblante relativamente à verdade do seu desejo:

«De fait, la division du sujet constitue une brèche ouverte à tous les leurres. Le leurre s’originant déjà dans le fait que les énoncés que le sujet articule sur lui-même entretiennent une véritable mystification dans laquelle il s’aliène en plein registre imaginaire. Autrement dit, l’accès au symbolique qui permet au sujet de s’affranchir de la dimension imaginaire où il se trouve

initialement inscrit, ne le sauve de cette capture que pour mieux l'y précipiter.» (Dor, 1985, 155)

Para a psicanálise, a verdade visa o real com suporte na palavra. Na conferência intitulada “Le savoir et la vérité”, Lacan defende que o discurso analítico propõe constituir-se através da sua experiência como saber sobre a verdade. O saber sobre a verdade é um discurso que envolve o gozo que não pode ser revelado. Em virtude desta abordagem (do gozo), procura-se a verdade que é regulada pela lei do gozo que autoriza um saber parcial.

Antes de Descartes, nunca se colocou a questão do saber. Porém, o discurso analítico contribuiu para a mudança ao estabelecer que existe um saber que se apoia na letra e que, por isso, não sabe:

«Un rêve, ça n'introduit à aucune expérience insondable, à aucune mystique, ça se lit dans ce qui s'en dit, et qu'on pourra aller plus loin à en prendre les équivoques au sens plus anagrammatique du mot. C'est à ce point du langage qu'un Saussure se posait la question de savoir si dans les vers saturniens où il trouvait les plus étranges ponctuations d'écrit, c'était ou non intentionnel. C'est là où Saussure attend Freud. Et c'est là que se renouvelle la question du savoir.» (Séminaire XX, 88)

É então no Outro como instância do gozo que se dispõe o saber:

«Ainsi se déduit le fait que le savoir est dans l'Autre, qu'il ne doit rien à l'être si ce n'est que celui-ci en ait véhiculé la lettre. D'où il résulte que l'être puisse tuer là où la lettre reproduit, mais reproduit jamais le même être de savoir.» (Séminaire XX, 89)

Lacan estabelece que o Outro é a instância do saber que é diferente do ser na medida em que é veiculado (saber) pela letra (*l'être de lettre*) que reproduz de forma parcial e contingente o ser de saber:

«(...) *Qu'est-ce qui sait?* Se rend-on compte que c'est l'Autre? – tel qu'au départ je l'ai posé, comme le lieu où le signifiant se pose, et sans lequel rien ne nous indique qu'il n'y ait nulle part une dimension de vérité, une *dit-mension*, la résidence du dit, de ce dit dont le savoir pose l'Autre comme lieu. Le statut du savoir implique comme tel qu'il y en a déjà, du savoir, et dans l'Autre, et qu'il est à prendre. C'est pourquoi il est fait d'*apprendre*.» (Séminaire XX, 89)

A ciência tradicional pensou, erradamente, segundo Lacan, que era possível adequar o objecto do pensamento ao pensamento:

«(...) L'inconscient, ce n'est pas que l'être pense, comme l'implique pourtant ce qu'on en dit dans la science traditionnelle – l'inconscient, c'est que l'être, en parlant, jouisse, et, j'ajoute, ne veuille rien en savoir de plus. J'ajoute que cela veut dire – ne rien savoir du tout.» (Séminaire XX, 95)

Ora o discurso analítico põe em relevo um furo denominado Outro como lugar da palavra que funda a verdade por intermédio de um pacto que supre a inexistência de relação sexual susceptível de ser pensada como gozo e com a condição de aceitar que o discurso não está reduzido a partir do semblante:

«Cette béance inscrite au statut même de la jouissance en tant que dit-mension du corps, chez l'être parlant, voilà ce qui rejaillit avec Freud par ce test – je ne dis rien de plus – qu'est l'existence de la parole. Là où ça parle, ça jouit.» (Séminaire XX, 104)

O discurso analítico sublinha que se diz sempre mais do que se sabe porque há uma relação de ser que não se pode saber. O discurso analítico interroga a estrutura desse saber impossível enquanto *inter-dito*:

«Il y a du rapport d'être qui ne peut pas se savoir. C'est lui dont, dans mon enseignement, j'interroge la structure, en tant que ce savoir – je viens de la dire – impossible est par là interdit. C'est ici que je joue de l'équivoque – ce savoir impossible est censuré, défendu, mais il ne l'est pas si vous écrivez convenablement *l'inter-dit*, il est dit entre les mots, entre les lignes.» (Séminaire XX, 108)

O acesso que é assim permitido ao real não pode ser demonstrado e constitui pela mesma ocasião uma verdade:

«Sur ce qui ne peut être démontré, quelque chose pourtant peut être dit de vrai. C'est ainsi que s'ouvre cette sorte de vérité, la seule qui nous soit accessible, et qui porte, par exemple, sur le non-savoir-faire.» (Séminaire XX, 108)

A discrepância entre o saber e o ser é geradora de um enleio com o qual *ainda* lidamos. Ao supor-se haver mais gozo, isso consistiria numa sintonia entre o gozo e o seu fim. Ora, o fim do gozo situa-se noutra lugar diferente daquele a que leva e marca a própria reprodução. O ser é um suposto que deriva da fala e que não se pode escrever ou saber – representa uma ruptura de saber que Lacan caracteriza como *solidão* e que se escreve com a letra que deixa um vestígio (*une trace*):

«Cette solitude, elle, de rupture du savoir, non seulement elle peut s'écrire, mais elle est même ce qui s'écrit par excellence, car elle est ce qui d'une rupture de l'être laisse trace.» (Séminaire XX, 109)

Lacan refere-se a uma *trace* que fica depois da ruptura do saber e do ser. Esse sedimento de gozo é representado pela letra que emana entre saber e gozo sob a forma de uma estância litoral que vira literal como é explicitado em *Lituraterre*. A letra surge na sua condição litoral por (re)presentar e não ser.

«Rature d'aucune trace qui soit d'avant, c'est ce qui fait terre du littoral. *Litura* pure, c'est le littéral. La produire, c'est reproduire cette moitié sans paire dont le sujet subsiste. Tel est l'exploit de la calligraphie.

Entre centre et absence, entre savoir et jouissance, il y a littoral qui ne vire au littéral qu'à ce que ce virage, vous puissiez le prendre le même à tout instant. C'est de ça seulement que vous pouvez vous tenir pour agent qui le soutienne.» (Autres Écrits, 16)

Ora, o inconsciente fala por imperativo do gozo que a letra enforma. Deste modo, o sujeito acaba por saber *par méprise* e não por acesso directo ao inconsciente:

«Pourtant ne pourrions-nous nous apercevoir que la seule différence, mais la différence qui réduit au néant ce dont elle diffère, la différence d'être, celle sans quoi l'inconscient de Freud est futile, c'est qu'à l'opposé de tout ce qui a été avant lui produit sous le *label* de l'inconscient, il marque bien que c'est d'un lieu qui diffère de toute prise du sujet qu'un savoir est livré, puisqu'il ne s'y rend qu'à ce qui du sujet est la méprise ?» (Autres Écrits, 336)

Ora, o modelo mais correcto para apreender o inconsciente freudiano consiste em considerar *a priori* a impossibilidade de ser um objecto capturável. O inconsciente deve ser agarrado pela *méprise*, termo que entra para o título do artigo e que pode ser traduzido como engano ou equívoco:

«Le *Vergreifen* (cf. Freud: la méprise, c'est son mot pour les actes dits symptomatiques), dépassant le *begriff* (ou la prise), promeut un rien qui s'affirme et s'impose de ce que sa négation même l'indique à la confirmation qui ne fera pas défaut de son effet dans la séquence.» (Autres Écrits, 336)



De facto, os equívocos que resultam de um engano (*méprise*) são mais expressivos nos actos falhados por denunciar uma segunda intenção produzida por um saber com sede noutra lugar ao qual os actos falhados dão acesso *par méprise, sem querer*.

Para Lacan, o sujeito que sabe de antemão o saber libertado a partir do engano do sujeito, i.e., o sujeito suposto saber é o Deus dos filósofos e não do antigo testamento:

«Le sujet supposé savoir, Dieu lui-même pour l'appeler par le nom que lui donne Pascal, quand on précise à son inverse : non pas le Dieu d'Abraham, d'Isaac et de Jacob, mais le Dieu des philosophes, le voici débusqué de sa latence dans toute théorie.» (Autres Écrits, 337)

Posteriormente, Lacan estabelece uma distinção entre teologia e diologia que Mandil esclarece nos termos seguintes :

«O Deus dos filósofos corresponderia à tradição que nos chega por meio dos gregos, um Deus suposto como equivalente para todos, cuja presença pode ser detectada, inclusive, na teoria. Trata-se de um Deus que se apresenta como o “sujeito suposto saber”, como garantia última dos saberes ao qual o homem remete as suas indagações. É esse Deus que dá sustentação ao discurso “theo-logico”.» (Mandil, 2003, 68)

Esta distinção assentaria em divergências a nível da concepção do divino que engendraram dois termos já citados com terminologias próprias:

«The two are the God of religion (Galileo's and Lacan's), who defines real meaning as not representable, as opposed to the God of Aristotle, scholasticism, and Descartes, who makes a philosophical construction possible and is therefore an indispensable function of human reasoning. The first god is a god of belief (...). This god is also the god of cultural creationism, the one who says, “In the beginning was the word” and who underlies the birth of the symbolic-unconscious order as a radical creation.» (Leupin, 2004, 118)

Com estes dois termos (teologia e diologia), Lacan realça que a concepção grega de Deus como apropriação ontológica usurpou o lugar de Deus do Antigo Testamento:

«De certo modo, podemos dizer que é justamente esse entrelaçamento entre o Ser Supremo, a suposição de saber e a paternidade que a crítica lacaniana busca desfazer,

apoiando-se sobre o modo de apresentação do Deus da Revelação da tradição judaico-cristã.»  
(Mandil, 2003, 71)

Ora essa concepção de Deus é baseada no discurso da razão. É um Deus pensado e não amado. De facto, a ontologização de Deus tem explicação na tradução grega da Bíblia que com a expressão “Eu sou aquele que sou” contribuiu para a perspectiva do Ser Supremo e imutável que converge com a concepção aristotélica da esfera mais fixa do céu associada a um Deus. No entanto, a expressão usada para se identificar é problemática e incerta por carecer de sustentação.

A orientação *diológica* seguida por Lacan propõe pensar Deus como um lugar<sup>(1)</sup>:

«Pour la *dio-logie* qu’il conviendrait d’en séparer: et dont les Pères s’étagent de Moïse à James Joyce en passant par Maître Eckhart, il nous semble que c’est encore Freud qui lui marque le mieux sa place. (...)

Cette place du Dieu-le-Père, c’est celle que j’ai désignée comme le Nom-du-Père et que je me proposais d’illustrer (...)» (Autres Écrits, 337)

Esse Ser depurado pelo discurso filosófico assemelha-se ao significante-mestre (“m’être” – Séminaire XX, 40), no campo do discurso analítico. Sob influência da verdade judaica, o divino é identificado como “eu sou o que sou” e, em conformidade, o Ser pode ser associado ao Eterno (“l’éternel” – S.XX, 40) com consequências enunciadas por Richard de Saint-Victor que deduz que o Ser é de si próprio eterno:

«(...) que depuis longtemps je vous ai appris à lire, par *Ego sum qui sum, Je suis celui qui suis*, par quoi Dieu s’affirme identique à l’Être. J’avais l’intention de vous articuler cette année toutes sortes d’exemples d’autres formules analogues dans les textes hébreux, qui vous auraient montré que c’est, en latin comme en français, sonnante faux et boiteux, alors qu’Augustin était très bon écrivain. Ce *Je suis celui qui suis*, par quoi Dieu s’affirme identique à l’être, motive une pure absurdité quand il s’agit du Dieu qui parle à Moïse dans le buisson ardent.» (Des Noms-du-Père, 78)

Ora, Lacan reafirma que o Deus dos filósofos não se coaduna com o lugar do Outro da psicanálise:

---

(1) Esse lugar é caracterizado nas palavras de Mandil com as palavras seguintes: «A diologia lacaniana anuncia, assim, que o lugar de Deus-Pai é resultante da confluência entre o Deus único, regulador da ordem do real, e o Deus paradoxal que se apresenta com o nome de “Eu sou aquele que sou”. Sobre esse aspecto, a leitura lacaniana demonstra que o modo indeterminado de apresentação do nome – “Eu sou aquele que sou” – é algo constitutivo do lugar mesmo daquele que ali se instala.» (Mandil, 2003, 79)

«Nous pouvons partir de l'abord phénoménologique pour situer le rapport à la voix de l'Autre comme objet chu de l'Autre, mais nous ne pouvons pas épuiser la fonction structurale qu'à porter l'interrogation sur ce qu'est l'Autre comme sujet. En effet, si la voix est le produit, l'objet chu de l'organe de la parole, l'Autre est le lieu où *ça parle*.» (Des Noms-du-Pères, 84)

Esse Outro que fala é anterior ao próprio sujeito, trata-se do pai primordial que Freud definiu :

«Mythiquement – et c'est ce que veut dire *mythique ment* – le père ne peut être qu'un animal. Le père primordial est le père d'avant l'interdit de l'inceste, d'avant l'apparition de la Loi, de l'ordre des structures de l'alliance et de la parenté, en un mot d'avant l'apparition de la culture. C'est pourquoi Freud en fait le chef de la horde, dont, conformément au mythe animal, la satisfaction est sans frein.» (Des Noms-du-Père, 87)

## **2.2. Dieur**

De facto, o lugar da verdade onde se articula a linguagem está no Outro:

«Dieu est proprement le lieu où, si vous me permettez le jeu, se produit le *dieu* – le *dieur* – le *dire*. Pour un rien, le dire *ça* fait Dieu. Et aussi longtemps que se dira quelque chose, l'hypothèse Dieu sera là.

C'est ce qui fait qu'en somme il ne peut y avoir de vraiment athées que les théologiens, c'est à savoir ceux qui, de Dieu, en parlent.» (Séminaire XX, 45)

Noutro excerto, Lacan é mais acutilante relativamente ao tema do divino por considerar que só pode ser levado à letra:

«C'est ici que prend sa valeur l'accent que j'ai permis de mettre sur la fonction de la perversion quant à sa relation au désir de l'Autre comme tel. C'est à savoir qu'elle représente la mise au pied du mur, la prise au pied de la lettre de la fonction du Père, de l'être suprême. Le Dieu éternel pris au pied de la lettre, non pas de sa jouissance, toujours voilée et insondable, mais de son désir comme intéressé dans l'ordre du monde, c'est là le principe où, pétrifiant son angoisse, le pervers s'installe comme tel.» (Autres Écrits, 89)

Surge neste contexto a letra como suporte e mediadora, uma estância que permite representar o divino tal como é – *au pied de la lettre*.

Esta concepção leva Lacan a transformar a história sob a égide de um dizer contingente que emanaria de um Ser universal à qual (história) se procura conferir um sentido último quando, na verdade, não existe:

«Au contraire, la première des choses que nous ayons à faire, c'est de partir de ceci, que nous sommes là en face d'un dire, qui est le dire d'un autre, qui nous raconte ses bêtises, ses embarras, ses empêchement, ses émois, et que c'est là qu'il s'agit de lire quoi? – rien d'autre que les effets de ces dire. Ces effets, nous voyons bien en quoi ça agite, ça remue, ça tracasse les être parlants. Bien sûr, pour que ça aboutisse à quelque chose, il faut bien que ça serve, et que ça serve, mon Dieu, à ce qu'ils s'arrangent, à ce qu'ils s'accommodent, à ce que, boiteux boitillant, ils arrivent quand même à donner une ombre de petite vie à ce sentiment dit de l'amour.» (Séminaire XX, 45)

No topo do movimento histórico dinamizado pela filosofia relacionado com o amor, situa-se o amor de Deus que a análise não pode desprezar.

A mesma tradição filosófica levou uns a associar o Outro, que é, desde “L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud” lugar da palavra, a Deus, e outros pelos mesmos motivos a exorcizá-lo.

No entanto, tanto uns como outros estão equivocados devido à influência da filosofia que domina o debate sobre o amor:

«Des personnes bien intentionnés (...) se sont trouvés surprises d'avoir écho que je mettais entre l'homme et la femme un certain Autre qui avait bien l'air d'être le bon vieux Dieu de toujours. Ce n'était qu'un écho, dont elles se faisaient les véhicules bénévoles.

«Après tout, il y a bien des gens qui me font compliment d'avoir su poser dans un de mes derniers séminaires que Dieu n'existait pas. Évidemment, ils entendent – ils entendent, mais hélas, ils comprennent, et ce qu'ils comprennent est un peu précipité.» (Séminaire XX, 64/65)

No entanto, é necessário ser cuidadoso porque Lacan não assemelha Deus ao inconsciente. Pelo contrário, estabelece as bases de um novo ateísmo porque Deus é uma formação do inconsciente humano mas que não pode ser objecto de fé.

Esta antropomorfização do Judeo-Cristianismo admite a única transcendência de *la langue* por existir uma única exterioridade o eixo simbólico do inconsciente.

Ora, nesta perspectiva, a afirmação moderna do ateísmo não é funcional antes deve ser reinterpretada à luz da psicanálise. Ao declarar ostentadamente a morte de Deus, Nietzsche não adiantou nada porque o pai já está morto e nenhuma declaração o matará e sobreviverá sempre na teoria analítica através do conceito simbólico do nome-do-Pai, - «In fact, reasserting His death, as atheism does, is akin to reaffirming His existence.» (Leupin, 2004, 117)

Noutro passo da sua obra, Lacan perspectiva a mulher relativamente à centralidade do gozo com junção ao tema do divino. Com o seminário de 1972, é-lhe atribuída outra função, a de *pas-toute* no gozo fálico que lhe permite existir e gozar noutro sítio:

«Il y a une jouissance à elle, à cette *elle* qui n'existe pas et ne signifie rien. Il y a une jouissance à elle dont peut-être elle-même ne sait rien, sinon qu'elle l'éprouve – ça, elle le sait. Elle le sait, bien sûr, quand ça arrive. Ça ne leur arrive pas à toutes.» (Séminaire XX, 69)

Apesar de Freud explicar que a libido é especificamente masculina, o gozo feminino não pode ser omitido. Por outro lado, é importante referir a relação da mulher ao divino por se apoiar num gozo que emana da letra mas que é mais místico: dado que é *pas-toute*, a necessidade intrínseca de se pôr em relação com o lugar da verdade que também é *pas-toute*, lugar do Outro, é imperiosa.

A relação da mulher ao Outro é radical porque nele se inscreve a lei por intermédio do qual a mulher se relaciona com o Outro:

«C'est en tant que sa jouissance est radicalement Autre que la femme a davantage de rapport à Dieu que tout ce qui a pu se dire dans la spéculation antique en suivant la voie de ce qui ne s'articule manifestement que comme le bien de l'homme.» (Séminaire XX, 77)

Por motivo da mulher ser *pas-toute*, i.e., excluída do gozo fálico, o artigo definido relativamente à mulher só pode ser barrado: na sua essência, a mulher não é *toda mulher*.

Sendo por natureza excluída do gozo da função fálica, ela tem um gozo suplementar que está, ao ultrapassar o falo, para além, é místico. Esse gozo sentido mas do qual tudo se desconhece remete para uma esfera que Lacan categoriza como *ex-sistencial*. Nesta perspectiva, a face do Outro ou Deus antes se apoia no gozo feminino:

«Je crois à la jouissance de la femme en tant qu'elle est en plus, à condition que cet *en plus*, vous y mettiez un écran avant que je l'aie bien expliqué.

(...) Cette jouissance qu'on éprouve et dont on ne sait rien, n'est-ce pas ce qui nous met sur la voie de l'ex-sistence? Et pourquoi ne pas interpréter une face à l'Autre, la face Dieu, comme supportée par la jouissance féminine?

Comme tout ça se produit grâce à l'être de la signifiante, et que cet être n'a d'autre lieu que le lieu de l'Autre que je désigne du grand A, on voit la biglerie de ce qui se passe. Et comme c'est là aussi que s'inscrit la fonction du père en tant que c'est à elle que se rapporte la castration, on voit que ça n'en fait pas un non plus un seul.» (Séminaire XX, 71)

Reencontramos os traços delineados relativamente à mística *diológica* lacaniana que podem ser associados, segundo Mandil, à sexualidade feminina cujo gozo está além da dimensão fálica:

«Il n'en reste pas moins que si elle est exclue par la nature des choses, c'est justement de ceci que, d'être pas toute, elle a, par rapport à ce que désigne de jouissance la fonction phallique, une jouissance supplémentaire.» (Séminaire XX, 68)

Dado que o gozo feminino é mais acentuadamente Outro, a relação da mulher com Deus é mais forte. Já não se trata de chegar a Deus através da meditação e contemplação, é antes uma experiência confirmada por meio do gozo que, no caso da mulher, pode ser transbordante, à qual a função da letra como vaso desse gozo não é alheia.

Assim, o contacto com o divino deriva de uma experiência de gozo que nenhum saber pode apreender. A experiência mística é então única por se situar além dos limites das palavras e a *ex-sistência* é verificada por meio do gozo.

### 3. CONCLUSÃO

Nos *Écrits*, a letra era associada à noção linguística de significante e como tal valoriza-se em articulação com os outros elementos de uma estrutura. Nesta perspectiva, a letra era equacionada sob um prisma relacional e diferencial.

Numa fase posterior centrada no *Séminaire XX*, Lacan continua a radicar a condição do inconsciente na letra, mas *inter-põe* o imperativo do gozo que reside na falha que constitui a linha de intersecção de unidades mínimas da cadeia de significantes. Trata-se de um lugar limítrofe, uma estância litoral que reconfigura o lugar da letra. Assim, a letra solidifica-se, perde a sua neutralidade de significante e passa a ter um traço, uma positividade formal evidenciada na escrita.

Se a condição de gozo é indispensável para o inconsciente, a linguagem estruturada como a linguística a estabelece tem de facto como núcleo *lalangue* através da qual se concretiza um saber do Outro que deixa um vestígio na letra e que só uma nova disciplina gerada à luz do discurso analítico, a *linguisterie*, estaria em condições de relevar. Desta forma, o saber do Outro subsiste por força da *diz-mensão* da letra que proporciona sempre um saber *inter-dito*, i.e. parcial, porque o Outro é sempre o seu detentor.

De facto, o saber existe como lugar onde se supõe articular-se com a verdade. Ora esse lugar como estância do saber do Outro é mediado pelo carácter litoral da letra. Esse lugar do saber absoluto foi associado ao Deus da palavra – *Dieur* – que tem de facto a sua condição *ex-sistencial* na letra que o gozo do Outro proporciona.





# **CONCLUSÃO**



Ao admitir que os sonhos como meio privilegiado de expressão do inconsciente podem ser interpretados, Freud concede implicitamente a Lacan a hipótese do inconsciente ser uma linguagem. Ora Lacan aproveita este filão freudiano para acrescentar que as condições da linguagem do inconsciente radicam na unidade mínima que é a letra. De facto, a assunção da letra como instância do significante em detrimento do significado é determinante para estabelecer a estrutura da linguagem do inconsciente. Para a psicanálise, a arbitrariedade entre o significante e o significado deriva da intervenção do inconsciente que fala através do deslocamento ou substituição de significantes, processos nos quais o sujeito não intervém mas que, ao serem identificados formalmente, abrem a porta à interpretação do inconsciente. Infere-se daí que esta perspectiva literal pelo seu carácter estruturalista permite sustentar a cientificidade da psicanálise para a qual o sujeito deixa de ter substância psicológica, é um sujeito de letra. Além de fundar os termos da teoria lacaniana sobre o inconsciente, a literalização do sujeito constitui um abalo para a concepção substancialista tradicional que não deixa incólumes as outras ciências arreigadas à ilusão da exactidão dos seus processos e que a psicanálise, com a teoria lacaniana, está em condições de protagonizar.

Ora se a literalização do sujeito é imprescindível à cientificidade da psicanálise, o inconsciente escapa às malhas do estruturalismo da teoria da letra associada à do significante. De facto, numa fase posterior da teoria lacaniana, o inconsciente permanece loquaz mas desloca-se para a extremidade do significante onde pode gozar: já não é a estrutura localizada do significante da teoria lacaniana da primeira fase. Assim, o inconsciente fala onde está o gozo que por ser insaciável falha, e, por consequência, falta sempre. Assim, a linguagem do inconsciente *litoraliza-se* e está na beira da unidade significante, no traço que é desenhado pelo carácter renovado da letra. Nesse lugar limítrofe, a letra desenha um saber para além do que a linguagem sabe enunciar através da *Lalangue*.

Com este estatuto litoral da letra, Lacan acentua a materialidade e a autonomia da letra que permanece imprescindível para o inconsciente ser linguagem e a psicanálise, pela mesma, uma ciência. Apesar das remodelações que o tema da letra sofreu, considero que Lacan não abandonou uma das vertentes essenciais do seu projecto inicial que consiste, por um lado, em estabelecer firmemente o estatuto literal do sujeito do inconsciente e, por outro, em alicerçar a legitimidade de ciência para a psicanálise, projecto para o qual é incontornável o tema da *instância da letra*.



## BIBLIOGRAFIA

### Jacques Lacan

- *Autres Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- *Des noms-du-père*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil, 1966.
- *Le séminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- *Le séminaire, livre III, Les Psychoses*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.
- *Le séminaire, livre V, Les formations de l'inconscient*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.
- *Le séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1973.
- *Le séminaire, livre XX, Encore*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- *Le triomphe de la religion*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.

### Bibliografia secundária

- Arrivé, M. - *Langage et psychanalyse, linguistique et inconscient*. Linguistique Nouvelle. Paris : Presses Universitaires de France, 1994.
- Borch-Jacobson, M. - *Lacan – Le maître absolu*. Critiques. Paris : Flammarion, 1990.
- Dor, J. - *Introduction à la lecture de Lacan*. L'espace analytique. Paris : Éditions Denoël, 1985.
- Freud, S. - *Cinq psychanalyses*. Paris : Presses Universitaires de France, 1997.
- Georquin, R. - *Lacan*. Cistre-Essais. Petit-Roeulx (Belgique) : Cistre, 1984.
- Lacoue-Labarthe, P. e Nancy, J.-L. - *Le titre de la lettre*. Éditions Galilée, 1973.
- Lemaire, A. - *Jacques Lacan*. Bruxelles : Pierre Mardaga Éditeur, 1977.
- Leupin, A. - *Lacan today: psychoanalysis, science, religion*. New York: Other Press, 2004.
- Mandil, R. - *Os efeitos da letra: Lacan leitor de Joyce*. Rio de Janeiro : Contra Capa Livraria, 2003.
- Marini, M. - *Lacan*. Les dossiers belfond. Paris : éditions Pierre Belfond, 1986.
- Milner, J.-C. - *L'Oeuvre claire – Lacan, la science, la philosophie*. L'ordre philosophique. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- Nasio, J.-D. - *Cinq leçons sur la théorie de Jacques Lacan*. Rivages Psychanalyse. Paris : Éditions Rivages, 1992.
- Porge E, Soulez, A. - *Le moment cartésien de la psychanalyse : Lacan, Descartes, le sujet*. Strasbourg : Arcanes - Recherche Psychanalytique, 1996.

- Porge, E. - *Jacques Lacan, un psychanalyste*. Point Hors Ligne. Ramonville Saint-Agne : Éditions Erès, 2000.
- Saussure, F. - *Curso de Linguística Geral*. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1986.
- Simonelli, T. - *Lacan, la théorie essai de critique intérieure*. Passages. Paris : Les éditions du Cerf, 2000.

## Anexo 4

### DECLARAÇÃO

Nome Paulo Jorge Vieira Pereira

Endereço electrónico: pepa@oninet.pt Telefone: 963920468 / \_\_\_\_\_

Número do Bilhete de Identidade: 10687432

Título dissertação /tese

A instância da letra na obra de Jacques Lacan

Orientador(es):

Prof.ª Dr.ª Cristina Alvares

Ano de conclusão: 2005

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Mestrado em Estudos Franceses

Declaro que concedo à Universidade do Minho e aos seus agentes uma licença não-exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, nas condições abaixo indicadas, a minha tese ou dissertação, no todo ou em parte, em suporte digital.

Declaro que autorizo a Universidade do Minho a arquivar mais de uma cópia da tese ou dissertação e a, sem alterar o seu conteúdo, converter a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.

Retenho todos os direitos de autor relativos à tese ou dissertação, e o direito de a usar em trabalhos futuros (como artigos ou livros).

Concordo que a minha tese ou dissertação seja colocada no repositório da Universidade do Minho com o seguinte estatuto (assinale um):

1.  Disponibilização imediata do conjunto do trabalho para acesso mundial;
2.  Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na Universidade do Minho durante o período de  1 ano,  2 anos ou  3 anos, sendo que após o tempo assinalado autorizo o acesso mundial.
3.  Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na Universidade do Minho.

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_